



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

JOÃO GOULART DE SOUZA GOMES

A OUTRA FACE DA MEDALHA:
MEMÓRIA E INVISIBILIDADE DE GRUPOS SOCIAIS NA
COLEÇÃO DE MEDALHAS DO MUSEU EUGÊNIO
TEIXEIRA LEAL EM SALVADOR – BAHIA

Salvador
2020

JOÃO GOULART DE SOUZA GOMES

**A OUTRA FACE DA MEDALHA:
MEMÓRIA E INVISIBILIDADE DE GRUPOS SOCIAIS NA
COLEÇÃO DE MEDALHAS DO MUSEU EUGÊNIO
TEIXEIRA LEAL EM SALVADOR – BAHIA**

Dissertação de conclusão de curso de Mestrado em Museologia, Programa de Pós-graduação em Museologia, UFBA. - Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Cecília Conceição Moreira Soares

Salvador
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gomes, João Goulart de Souza
A OUTRA FACE DA MEDALHA: MEMÓRIA E INVISIBILIDADE
DE GRUPOS SOCIAIS NA COLEÇÃO DE MEDALHAS DO MUSEU
EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL EM SALVADOR ? BAHIA / João
Goulart de Souza Gomes. -- Salvador, 2020.
118 f. : il

Orientadora: Cecília Conceição Moreira Soares.
Dissertação (Mestrado - Museologia) -- Universidade
Federal da Bahia, FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS, 2020.

1. Museu. 2. Numismática. 3. Medalhística. 4.
Memória. 5. Grupos sociais. I. Soares, Cecília
Conceição Moreira. II. Título.

JOÃO GOULART DE SOUZA GOMES

**A OUTRA FACE DA MEDALHA:
MEMÓRIA E INVISIBILIDADE DE GRUPOS SOCIAIS NA
COLEÇÃO DE MEDALHAS DO MUSEU EUGÊNIO
TEIXEIRA LEAL EM SALVADOR – BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso de Mestrado em Museologia, Programa de Pós-graduação em Museologia, UFBA. - Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Aprovado em
Salvador, ____ de _____ de 2020

Banca orientadora

Profa. Dra. Cecilia Conceição Moreira Soares
UNEB/PPGMUSEU (ORIENTADORA)
Doutora em Antropologia pela UFPE - Universidade Federal de Pernambuco.

Profa. Dra. Rita de Cassia Maia da Silva
UFBA/ PPGMUSEU (MEMBRO INTERNO)
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA. -
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Antonio Luigi Negro
UFBA/ PPGH (MEMBRO EXTERNO)
Doutorado em História pela UNICAMP - Universidade Estadual de
Campinas

GOMES, João Goulart de Souza. A OUTRA FACE DA MEDALHA: MEMÓRIA E INVISIBILIDADE DE GRUPOS SOCIAIS NA COLEÇÃO DE MEDALHAS DO MUSEU EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL EM SALVADOR – BAHIA. Dissertação. 2020. Orientadora: Cecília Conceição Moreira Soares. 120 f. Il. Dissertação (Pós-graduação Museologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA. - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a representação de grupos sociais – mulheres, afrodescendentes, indígenas e trabalhadores – na produção medalhística brasileira, principalmente nas medalhas produzidas pelas instituições governamentais, a nível federal, municipal e estadual, considerando a forma, as abordagens e o contexto histórico e sociopolítico em que tais representações estão inseridas, tendo como referência o acervo do Museu Eugênio Teixeira Leal, localizado em Salvador, Bahia. Para o adequado desenvolvimento do tema estudado, são apresentadas noções da numismática e da medalhística nacionais e a sua relação com a Museologia. Fontes e dados complementares foram confrontados com as medalhas identificadas no museu, proporcionando uma maior confiabilidade estatística aos resultados obtidos. A seguir, foi analisada como a expografia de tais medalhas é realizada na instituição museal e as dificuldades, que também ocorrem nos demais museus numismáticos, para a exibição de suas peças, considerando, ainda, os aspectos comunicacionais. Para uma melhor compreensão de como o processo de invisibilidade dos grupos sociais acima referidos se concretiza, procurou-se compreender as relações entre Memória, individual e coletiva, os poderes instituídos e as formas de manipulação ideológica das imagens de personagens representadas nas medalhas, que promovem a legitimação ou dissimulação das mesmas.

Palavras-chaves: museologia, numismática, medalhística, invisibilidade, memória, expografia

GOMES, João Goulart de Souza. A OUTRA FACE DA MEDALHA: MEMÓRIA E INVISIBILIDADE DE GRUPOS SOCIAIS NA COLEÇÃO DE MEDALHAS DO MUSEU EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL EM SALVADOR – BAHIA. Dissertação. 2020. Orientadora: Cecília Conceição Moreira Soares. 120 f. Il. Dissertação (Pós-graduação Museologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA. - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ABSTRACT

This research analyzes the representation of social groups - women, Afro-descendants, indigenous people and workers - in Brazilian medal production, mainly in medals produced by governmental institutions, at the federal, municipal and state levels, considering the form, the approaches and the historical and socio-political context where such representations are inserted, having as reference the collection of the Eugênio Teixeira Leal Museum, located in Salvador, Bahia. For the proper development of the studied theme, notions of national numismatics and medals are presented and their relationship with Museology. Additional sources and data were compared with the medals identified in the museum, providing greater statistical reliability to the results obtained. Next, it was analyzed how the exhibition of such medals is carried out at the museum and the difficulties, which also occur in other numismatic museums, for the exhibition of their pieces, also considering the communicational aspects. For a better understanding of how the invisibility process of the social groups mentioned above materializes, we sought to understand the relationships between individual and collective Memory, the powers that be and the forms of ideological manipulation of the images of characters represented in the medals, which promote their legitimation or concealment.

Keywords: museology, numismatic, historic medals, invisibility, memory, expography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Medalha de Ludovico Sforza.....	26
Figura 2	Medalha em homenagem a Julius Meili.....	31
Figura 3	Medalha em homenagem a Eugênio Teixeira Leal.....	32
Figura 4	Medalha em homenagem à Tomada de Caiena.....	34
Figura 5	Medalha em homenagem à Tomada de Caiena, 2009.....	34
Figura 6	Primeira medalha cunhada no Brasil.....	34
Figura 7	Medalha em homenagem a Giradet.....	35
Figura 8	Medalha do 1º Cardinalato Sulamericano.....	35
Figura 9	Visão externa do Museu Eugênio Teixeira Leal.....	36
Figura 10	Vitrine do Museu Eugênio Teixeira Leal.....	37
Gráfico 1	Medalhas encontradas no Museu Eugênio T. Leal, por tema....	46
Gráfico 2	Medalhas encontradas no catálogo de Kurt Prober, por tema....	47
Gráfico 3	Medalhas produzidas pela Casa da Moeda do Brasil, por tema....	48
Gráfico 4	Medalhas encontradas no Museu Eugênio T. Leal, por período....	49
Gráfico 5	Totalização das medalhas, por período.....	50
Figura 11	Medalha em homenagem a Benta Pereira de Souza.....	52
Figura 12	Medalha em homenagem a Getúlio Vargas.....	53
Figura 13	Medalha em homenagem a Machado de Assis.....	54
Figura 14	Medalha em homenagem a Machado de Assis.....	54
Figura 15	Medalha em homenagem a Machado de Assis.....	55
Figura 16	Medalha em homenagem a Maria Quitéria.....	56
Figura 17	Medalha em homenagem a Anna Nery.....	57
Figura 18	Medalha em homenagem a Anna Nery.....	57

Figura 19	Medalha em homenagem a Pelé.....	59
Figura 20	Medalha em homenagem a Pelé – plaqueta.....	59
Figura 21	Medalha em homenagem a Monteiro Lobato.....	60
Figura 22	Medalha em homenagem ao Monumento ao Trabalhador.....	60
Figura 23	Medalha em homenagem ao Índio Brasileiro	62
Figura 24	Medalha em homenagem a Maria Quitéria	63
Figura 25	Medalha em homenagem ao Memorial Zumbi	64
Figura 26	Medalha em homenagem a Zumbi dos Palmares	65
Figura 27	Medalha em homenagem à Abolição da Escravatura	65
Figura 28	Medalha em homenagem a Castro Alves, 150 anos	66
Figura 29	Medalha em homenagem a Castro Alves (visão interna).....	66
Figura 30	Medalha em homenagem a Castro Alves (visão lateral).....	66
Figura 31	Medalha em homenagem a Machado de Assis.....	67
Figura 32	Medalha em homenagem a Cruz e Sousa.....	68
Figura 33	Medalha em homenagem a Luiz Gonzaga.....	68
Figura 34	Medalha Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.....	69
Figura 35	Medalha em homenagem a Cecília Meireles.....	70
Figura 36	Espaço Orixás.....	71
Figura 37	Medalha em homenagem a Mãe Menininha do Gantois.....	72
Figura 38	Medalha em homenagem a Carmen Miranda.....	73
Figura 39	Medalha em homenagem à Batalha dos Guararapes.....	73
Figura 40	Medalha aos 150 anos de navegação no Rio Amazonas.....	74
Figura 41	Medalha 500 anos do Descobrimento do Brasil.....	75
Figura 42	Medalha 500 anos do Descobrimento do Brasil – Economia Colonial.....	75

Figura 43	Medalha 500 anos do Descobrimento do Brasil Desenvolvimento.....	75
Gráfico 6	Destinação das medalhas no Museu Eugênio Teixeira Leal.....	76
Figura 44	Expositores do Museu do Banco Econômico.....	79
Figura 45	Suporte espelhado.....	80
Figura 46	Medalha em homenagem à Princesa Isabel	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Classificação das medalhas, por Julius Meili.....	41
Quadro 2	Classificação das medalhas, pela Viscondessa de Cavalcanti.....	42
Quadro 3	Categorias e temas utilizados na pesquisa.....	43
Quadro 4	Medalhas identificadas no museu.....	45
Quadro 5	Medalhas identificadas no acervo do autor.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	MUSEU: COLECIONISMO, NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA	18
2.1	AS ORIGENS DA MOEDA E DA MEDALHA	23
2.2	NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA NO BRASIL E NA BAHIA	30
3	A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO	36
3.1	O LÓCUS DA PESQUISA	36
3.2	A ABORDAGEM METODOLÓGICA	38
3.3	PLANEJAMENTO E REALIZAÇÃO DA PESQUISA	40
3.4	MODOS DE CLASSIFICAÇÃO DAS MEDALHAS	41
4	CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS MEDALHAS DO MUSEU EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL	45
4.1	ANÁLISE DAS MEDALHAS SELECIONADAS	49
4.1.1	Primeira República	50
4.1.2	Era Vargas	51
4.1.3	República Nova	53
4.1.4	Ditadura Militar	58
4.1.5	Nova República	63
5	EXPOGRAFIA E COMUNICAÇÃO	77
6	MEDALHÍSTICA, MEMÓRIA E DOMINAÇÃO	86
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	101
	ANEXOS	107

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, pela compreensão, paciência, incentivo e solidariedade aos meus sonhos e objetivos pessoais.

À professora Cecília Conceição Moreira Soares, pelas precisas contribuições e atenciosa dedicação, determinantes para o êxito deste trabalho.

À professora Rita de Cássia Maia da Silva e ao professor Antonio Luigi Negro, que gentilmente integraram a banca examinadora e apresentaram valiosas sugestões, enriquecendo o resultado final.

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia, da Universidade Federal da Bahia, pela oportunidade proporcionada à ampliação de meus conhecimentos.

À professora Genivalda Cândido, pelas preciosas sugestões de bibliografia e leitura atenta às inúmeras versões da dissertação.

Ao professor José Cláudio Alves de Oliveira, pelos conhecimentos auferidos em nosso convívio acadêmico.

À diretora Eliene Bina, que gentilmente disponibilizou todo o acervo medalhístico e bibliográfico do Museu Eugênio Teixeira Leal para a pesquisa, e a todo o quadro de colaboradores dessa instituição, aqui representados por Euler Oliva e Marcela Marchi.

Aos amigos Thiago de Godoy e Cláudio Amato pelas importantes contribuições e colaborações numismáticas.

1 INTRODUÇÃO

Ao ter meu interesse pela Museologia despertado, no ano de 2017, possuía apenas uma vaga ideia do seu campo de estudo. A exemplo dos demais frequentadores de museus, apenas contemplava os objetos expostos, apreciando-os com maior ou menor profundidade, de acordo com o meu repertório, para utilizar um conceito da Semiótica (MOLES, 1978). Em 2015, a partir da experiência obtida com a Licenciatura em História, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi possível ampliar a percepção sobre a importância do objeto musealizado, ou *musealia* (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014) como fonte histórica. Mas, apenas o contato direto com a Museologia propiciou uma maior absorção de conhecimentos quanto à importância de temas como a cultura material, a memória, a documentação museológica e a expografia, constatando que ela estabelece uma relação interdisciplinar com outras áreas, como a Sociologia, a História e a Antropologia, dentre outras.

O que agiu como ponto de intersecção entre estas áreas foi a Numismática, atividade à qual me dedico há cerca de quarenta anos, iniciada quando ainda atuava como *office-boy* em uma instituição bancária privada, na década de 1970. Este interesse pela numismática foi despertado pela grande variedade de cédulas emitidas pela Casa da Moeda do Brasil durante um dos períodos altamente inflacionários da nossa história, que tem início no final do período da ditadura militar (1964-1985) e só viria a término com a implantação do Plano Real (1995), durante o governo do presidente Itamar Franco. Este feito, por sinal, foi celebrado pelo Banco Central, em 2019, com a emissão de uma moeda comemorativa no valor de um real, que traz em seu reverso a imagem de um beija-flor, a mesma que havia na cédula de um real emitida quando do lançamento daquele plano. Um exemplo dos diversos rememorações promovidos pelo poder instituído, para os fatos que são de seu interesse relembrar, através da moeda ou da medalha, assunto que será tratado nesta dissertação.

As cédulas e moedas emitidas nas décadas de 1980 a 1990 procuravam romper com um conceito até então adotado, pelo qual se reverenciava quase que exclusivamente as personalidades relacionadas aos conflitos nacionais tidos como heroicos, a exemplo do Almirante Tamandaré, Duque de Caxias, Pedro Álvares Cabral, ou homenagear os integrantes da nobreza, como o Barão do Rio Branco, Dom João VI, D. Pedro I, Princesa Isabel e D. Pedro II. As cédulas do período da redemocratização, a

partir do governo José Sarney (1985-1990), passaram a reconhecer personalidades que deram uma contribuição científica ou cultural ao país. Intelectuais como Mário de Andrade, Machado de Assis, Ruy Barbosa, Câmara Cascudo, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Anísio Teixeira; os músicos Carlos Gomes e Villa-Lobos; o artista plástico Cândido Portinari e os cientistas Oswaldo Cruz, Vital Brazil, Carlos Chagas e Augusto Ruschi.

A graduação em História possibilitou produzir trabalhos sobre a relação entre Estado e Religião na numismática lusobrasileira, nas disciplinas História Medieval e História das Religiões; analisar as cédulas de países africanos, antes e depois do domínio europeu, na disciplina História da África, e sobre a circulação mundial das moedas cunhadas na América Hispânica, na disciplina História da América III. Alguns destes trabalhos viriam a ser publicados em boletins e revistas de associações numismáticas. A abertura dos historiadores para a importância documental da cultura material - por intermédio dos seus “monumentos”, tão importante quanto o “documento” - tem propiciado análises desta ordem, pois, como afirma Krzysztof Pomian (2010, p. 30):

A promoção dos semióforos ao nível dos objetos privilegiados da história cultural apresenta várias consequências. Modifica principalmente a importância relativa da leitura e do olhar. Durante muito tempo, os historiadores se interessaram unicamente pelo texto escrito. A intenção de fazê-los sair ao exterior e olhar o exterior, que empreenderam Vidal de La Blache y seus continuadores, entre os quais estão Bloch e Febvre, só teve efeitos limitados. Atualmente assistimos a uma nova intenção, que segue no mesmo sentido, ainda que se leve a cabo em um terreno distinto. A história cultural se dirige, com efeito, aos objetos e às imagens, incluindo os campos aonde, até há pouco tempo, só se estudavam os textos.¹

O lançamento do edital de seleção para o Mestrado em Museologia na Universidade Federal da Bahia - UFBA, para o ano de 2018, me proporcionou uma nova perspectiva acadêmica, ao possibilitar a realização de um projeto de pesquisa junto ao Museu Eugênio Teixeira Leal, também conhecido como Museu do Banco

¹ La promoción de los semióforos al rango de los objetos privilegiados de la historia cultural entraña varias consecuencias. Modifica principalmente la importancia relativa de la lectura y de la mirada. Durante mucho tiempo, los historiadores se interesaron únicamente en lo escrito. El intento de hacerlos salir al exterior y mirar los paisajes que emprendieron Vidal de La Blache y sus continuadores, entre los cuales están Bloch y Febvre, sólo tuvo efectos limitados. Ahora bien, actualmente asistimos a un nuevo intento que va en el mismo sentido, aun si se lleva a cabo em um terreno distinto. La historia cultural se dirige, en efecto, hacia los objetos y las imágenes, incluso em los campos donde hace muy poco tiempo sólo se estudiaban los textos.

Econômico ou Museu do Dinheiro, conciliando conhecimentos de Museologia, Numismática e História.

Os questionamentos que deram origem a essa dissertação surgiram na própria prática pessoal do colecionismo. Ao analisar meu acervo particular de medalhas históricas nacionais, percebi o pequeno número de mulheres nelas homenageadas, em contraposição aos homens, o que deu origem ao artigo *A Invisibilidade da Mulher na Medalhística Brasileira*, publicado na revista da Unión Americana de Numismática, Ano III, num. 17, Março-Abril/2017, órgão de publicação oficial da entidade de mesmo nome, que abrange todo o continente americano, do Uruguai ao México, e da qual sou representante no Brasil.

Este questionamento inicial logo se estendeu a outros grupos. Queria identificar se além das mulheres, também os afrodescendentes, os indígenas e os trabalhadores não seriam alvo desse mesmo processo de invisibilização na medalhística brasileira. A expressão ‘invisibilidade’ se torna, portanto, uma palavra fundamental nessa pesquisa. Indagamo-nos, também, sobre as informações históricas contidas nas imagens projetadas de tais grupos sociais.

Dessa forma, esta dissertação tem por objetivo principal analisar a representação de grupos sociais – mulheres, afrodescendentes, indígenas e trabalhadores – na medalhística brasileira, principalmente nas peças produzidas pelas instituições governamentais, a nível federal, estadual e municipal, considerando a forma, as abordagens e o contexto histórico e sociopolítico em que tais representações foram inseridas. Para realizar esta análise foram utilizadas, como fonte, as mais de 3.100 medalhas existentes no Museu Eugênio Teixeira Leal, localizado no Centro Histórico de Salvador, Bahia que, além das medalhas, possui um acervo com outras 3.900 peças, dentre moedas, condecorações nacionais e estrangeiras, mobiliário, pinturas, placas e troféus. As peças expostas estão em salas que acondicionam quatro grandes módulos: Medalhas, Condecorações, História do Banco Econômico e História do Dinheiro. O acervo é originário do desmembramento das coleções do Museu Numismático Eugênio Teixeira Leal, acrescido de outras tipologias que contam parte da história econômica brasileira. São peças de valor inestimável, por sua raridade e diversidade.

Além do acervo numismático, o museu possui uma biblioteca diversificada, na qual constam livros e publicações diversas, com destaque para as revistas editadas pelo Banco Econômico e as obras de pesquisadores baianos. Disponibilizados para consulta, foram de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa, se constituindo em

importante fonte documental. O museu também disponibilizou total acesso à sua reserva técnica, na qual as medalhas, de diversos metais, se encontram devidamente acondicionadas e catalogadas, preservando o seu estado de conservação.

Em acréscimo a todas essas fontes, também utilizei medalhas do acervo pessoal, pertinentes ao tema, que contribuíram para enriquecer a abordagem.

A pesquisa se justifica por vários motivos, tanto de cunho acadêmico quanto pessoal, porém, dentre esses fatores posso afirmar que, na atualidade, temos um diálogo intenso em relação às questões de preservação do patrimônio cultural, que está transversalmente sincrônico às questões de memória e da cultura material. A medalha, segundo a visão de Pollak (1992, p. 5) é “um elemento que constitui e fortalece o sentimento de identidade, seja ele individual, social ou coletivo, abrindo precedentes para que possamos atribuir à memória a condição de patrimônio”.

Os museus são os únicos locais públicos onde é possível encontrar medalhas suficientes para a realização de estudos sobre as representações históricas, culturais e sociais nelas apresentadas, bem como analisar as leituras e representações realizadas a partir das mesmas, daí a necessária interrelação entre a Museologia e a Medalhística.

Para a realização deste estudo, dividimos a presente dissertação em sete capítulos, sendo este o primeiro. No capítulo 2 – “Museu: Colecionismo, Numismática e Medalhística” - será apresentada uma contextualização sobre as origens da numismática e conceitos da medalhística, a relevância dessas áreas no Brasil e o papel destacado de pessoas e instituições da Bahia neste cenário, tendo como referência as obras de historiadores e numismatas, como Álvaro Coimbra (1957a, 1957b, 1961a, 1961b, 1961c), Kurt Prober (1965), Alfredo e Fernanda Gallas (2016), Noenio Spínola (2011) e Cláudio Amato (2014, 2017), dentre outros.

No capítulo 3 – “A Construção da Pesquisa: Percurso Metodológico” - será descrito como foi realizada a pesquisa, serão apresentados os resultados dos dados obtidos no Museu Eugênio Teixeira Leal, com gráficos quantitativos e análise estatística dos mesmos, correlacionando tais resultados com os aspectos relacionados à memória e à cultura material, aqui entendida como “suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social” (MENESES, 1983, p. 112).

Já no capítulo 4 – “Classificação e Análise das Medalhas do Museu Eugênio Teixeira Leal” - serão apresentadas as medalhas identificadas no acervo do museu, a sua contextualização histórica e sociocultural, a análise expográfica das mesmas e dos seus aspectos comunicacionais, a partir de conceitos de Hernández (1994), Pomian

(2004, 2010), Coelho Netto (2001), Abraham Moles (1974) e Charles Peirce (2000), dentre outros.

O capítulo 5 – “Expografia e Comunicação” – discorre sobre como as medalhas estão expostas no Museu Eugênio Teixeira Leal e as dificuldades inerentes às exposições de itens numismáticos nos diversos museus, com base nas considerações de Hernandez (1994).

No capítulo 6 – “Medalhística, Memória e Dominação” - serão analisadas as questões de memória e sua manipulação, através dos poderes dominantes, demonstrando como também na medalhística e nas exposições dos museus numismáticos a invisibilidade dos grupos sociais aqui estudados atende a propósitos específicos. Para essas análises teremos como base as obras de Jöel Candau (2018), Paul Ricouer (2007) e John Thompson (2011).

Concluindo, no capítulo 7 farei as considerações finais sobre a pesquisa, citarei os aprendizados auferidos e apresentarei reflexões sobre a questão da representação de grupos sociais na medalhística brasileira e a exposição de medalhas no Museu Eugênio Teixeira Leal.

2 MUSEU: COLECIONISMO, NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA

Para uma melhor compreensão da importante relação existente entre a museologia e a medalhística, inicialmente realizaremos uma breve abordagem bibliográfica acerca do surgimento da instituição museu e sua correlação com a numismática. Percebemos que a partir dos anos 1970/80, muitas pesquisas envolvendo os conceitos de comunicação, as funções éticas e formas de aquisições de objetos por parte dos museus, a memória, o fazer museal, o objeto e a exposição, as ações sociais, a modernidade e, conseqüentemente, a industrialização foram apresentadas.

No ano de 1989, a professora e museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1989), então diretora do Instituto de Museologia de São Paulo (FESP), publicou um texto no qual abordava discussões acerca do desenvolvimento do museu e da museologia, abrangendo assim, um vasto período, do século VI a.C até aquele ano. Dessa forma, procurando seguir a linha de pensamento e discussão de Guarnieri (1989), apresentaremos conceitos de museu, museologia e das áreas intrinsecamente ligadas a elas, aqui estudadas, que são: Colecionismo, Numismática e Medalhística, vertentes trabalhadas nesta pesquisa.

Para fins de conceitualização utilizaremos a definição do *International Council of Museums* (ICOM, 2007²):

O Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Mesmo não sendo objetivo deste trabalho aprofundar um detalhamento das várias funções dos museus, apresentaremos o significado do que é o museu e a museologia, alguns de seus objetivos, finalidades e obrigações, que foram mudando e se adaptando conforme o passar dos tempos.

Entendemos que os museus tiveram como origem o hábito de colecionar. Desde remotos tempos a humanidade, por inumeráveis razões, coleciona objetos e a eles atribui valores, sejam afetivos, culturais ou simplesmente materiais. A realização de práticas como registrar, documentar e conservar objetos é um fator marcante na História, tanto que, por conta dessas práticas é que se pode, na atualidade, ter acesso e

² <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>

conhecimento de eventos do passado. Essas ações levam à assimilação do que se entende hoje por uma instituição denominada de museu. Somente no século XVII é que ocorreria a consolidação da instituição Museu como conhecida no presente, e o caráter disciplinar da Museologia.

O relato histórico mais antigo sobre o significado da palavra museu, de acordo com Suano (1986), surgiu na Grécia Antiga. Segundo ela, etimologicamente a palavra vem do grego *mouseion*, ou Casa das Musas. O local, que também servia de templo, era como uma fonte reservada às pesquisas, porém, direcionado, sobretudo, aos filósofos ou às pessoas com enfermidades e que necessitavam de auxílio, sendo restrito o seu acesso a poucos.

O *mouseion* era então esse local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências. As obras de artes expostas no *mouseion* existiam mais em função de agradar as divindades do que serem contempladas pelo homem. (SUANO, 1989, p. 10).

Na Grécia Antiga, o *mouseion* era mais que um local de cura e fruição, o ambiente servia de guarda e expositor de obras de arte, ciência, pesquisa e curiosidades:

[...] possuía além de estátuas de obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros, presas de elefantes, pedras e minérios levados de terras distantes, etc., e dispunha de biblioteca, anfiteatro, observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico. E entre os grandes trabalhos por ele abordados figuravam um dicionário de mitos, em sumário do pensamento filosófico e um detalhado levantamento sobre todo o conhecimento geográfico de então. (SUANO, 1989, p. 11).

Guarnieri descreveu o Museu de Alexandria não apenas como local de guarda, mas em um sentido amplo:

O *mouseion* de Alexandria apresentava alguns objetos, incluindo algumas estátuas de pensadores, instrumentos astronômicos e cirúrgicos, trombas de elefantes e peles de animais, além de um parque zoológico e botânico; mas era principalmente uma universidade ou academia filosófica – uma espécie de instituto de estudos avançados com vários proeminentes bolsistas mantidos pelo Estado. O Museu era a grande biblioteca internacional de papiros e outros escritos coletados por Alexandre, o Grande, eram guardados no núcleo real da cidade conhecido como *Bruchium*. (GUARNIERI, 1989, p. 251)

Nota-se que, no Museu de Alexandria, a diversidade foi unida a temas e estudiosos que buscavam explicações através da produção de conhecimento, para as necessidades da sociedade daquele período. Esse fator refletiu não apenas na concepção

de museu como um local de cultura da humanidade mas, também, como local de formação profissional (museólogo).

O primeiro museu público, como conhecemos hoje, surgiu a partir da doação da coleção do botânico inglês John Tradescant (1608-1662) ao antiquarista e político Elias Ashmole (1617-1692), e que ficou conhecido como Ashmolean Museum, fundado em 1683, hoje pertencente à Universidade de Oxford. Nesse modelo de museu, o que se pregava era o colecionismo e a preservação da obra de arte, como afirmou Guarnieri:

O fazer museal é, nesse momento essencialmente coleta e crescimento das coleções e a noção de restauro abarca desde a restauração verdadeira até a cópia para fins de segurança que pode, eventualmente, facilitar a comercialização da obra de arte. Por outro lado, a apresentação dos objetos é sempre feita em decoração evocadora da antiguidade, modelo que começa nos Uffi e que será copiado intensamente (GUARNIERI, 1989, p. 244).

A partir dessas modificações, os museus passaram a se remodelar como organismos ecléticos, seguindo o modelo do Iluminismo, que visava o intelecto em primeiro lugar, centralizando seu foco na Ciência e na racionalidade como forma crítica de questionamento filosófico.

Dialogando em alguns momentos, e em outros não, com as revoluções, evoluções, paradigmas, guerras, conquistas e pensamentos inovadores surgem alguns modelos de museus que servirão de base para os demais, a partir do ano de 1793, como o Museu do Prado, o Museu Britânico e o Museu do Louvre, que servirá de modelo atemporal, para a época.

De acordo com Guarnieri, é nesse momento que a consagração definitiva do termo museu aconteceu, um esclarecimento das reflexões sobre a organização dos museus que ainda se manifestam como organismos ecléticos, porém já com a preocupação de maior abertura ao povo (GUARNIERI, 1989, p. 249).

Sobre a criação dos museus brasileiros e sua valorização, podemos dizer que a partir das décadas de 1920 e 1930 uma nova confluência se estrutura, marcada por iniciativas sistemáticas da nossa intelectualidade em salvaguardar o patrimônio cultural nacional. Segundo Mário Chagas (2006, p. 84):

...esta assertiva pode ser confirmada por meio da análise dos diversos projetos e anteprojetos que buscaram criar um dispositivo legal para inibir as constantes ações de depredação e transferência para outros países dos bens culturais brasileiros.

No ano de 1911, o então pesquisador, folclorista e museólogo Gustavo Dodt Barroso, indicou a necessidade da criação de um museu que lidasse com o passado e, em especial, com as personagens que sintetizavam a história nacional, de acordo com Suano (1986, p. 17).

O Brasil precisa de um Museu onde se guardem objetos gloriosos, mudos companheiros dos nossos guerreiros e dos nossos heróis. [...] ainda era tempo duma ação salvadora, de se realizar a fundação dum verdadeiro Museu Histórico no qual se pudesse reunir para ensinar o povo a amar o passado, os objetos de toda a sorte que ele representa (BARROSO, 1911 apud ABREU, 1996, p. 38).

No ano de 1922, durante as comemorações do centenário da independência do Brasil, que se estenderiam até 1923, foi criado, na cidade do Rio de Janeiro, o Museu Histórico Nacional, que teve como seu administrador o mesmo cientista, folclorista e museólogo que suscitou a necessidade de um museu que “lidasse com o passado em especial com seus personagens”, fato citado anteriormente. O Museu Histórico Nacional foi o demarcador de mudanças no que confere às atividades e fazeres museais. Na história dos museus brasileiros, o Museu Histórico do Rio demarcou a mudança de perspectiva funcional desses espaços. Os museus enciclopédicos, como o Paulista de Von Ihering, que buscava reunir todo o conhecimento humano, enquanto local de ensino e de produção científica, foram substituídos por espaços vinculados às temáticas da brasilidade. Assim, nas décadas de 20 e 30 uma nova confluência se estrutura no cenário brasileiro, marcada por iniciativas sistemáticas da nossa intelectualidade em salvaguardar o patrimônio cultural nacional.

Em 3 de dezembro 1923, o deputado pernambucano Luís Cedro Carneiro Leão apresenta à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 350, que propõe a criação de uma Inspeção de Defesa dos Monumentos Históricos e Artísticos do país. Em 16 de outubro de 1924, o deputado mineiro Augusto de Lima apresenta à Câmara o Projeto de Lei nº 181, que proíbe a saída do país de obras de arte brasileiras. Entretanto, ambos se confrontaram com a questão do direito de propriedade, criando um impasse para a implementação das leis citadas. No ano seguinte, Jair Lins, jurista mineiro, elaborou um anteprojeto muito semelhante ao de Augusto de Lima. Ainda neste ano, mais especificamente a 4 de junho de 1925, em uma ação de âmbito estadual, o governador de Minas Gerais, Fernando de Mello Vianna, organiza uma comissão que elabora um projeto para impedir a dilapidação do patrimônio das antigas cidades mineiras.

Por volta do final da década de 1940, na cidade de São Paulo, são atrelados ao caráter estético das artes visuais a abertura dos Museus de Arte Moderna (MAM), em todo o Brasil, com destaque ao MAM paulista, criado em 1948, através da coleção de Francisco Matarazzo Sobrinho, conhecido como Ciccillo Matarazzo (LOURENÇO, 1999). Nesses novos espaços, pode-se observar a noção contemporânea de museu e ser percebida uma nova forma de acondicionamento dos objetos nos espaços expográficos, fatores que visaram produzir uma narrativa artística, estrutural e individual.

Entre os anos de 1967 e 1971, pode-se perceber um intenso incentivo do poder público em ações culturais ligadas à criação de museus estaduais. Diante dessa tendência capitaneada pelo poder público, fator mais visível na cidade de São Paulo, dois agentes emergem: o então secretário da Fazenda, o Sr. Luís Arrobas Martins³ e sua agente técnica, Waldisa Pinto Rússio. Arrobas Martins foi empreendedor e incentivador da inauguração de vários museus, em sua gestão: Museu de Arte Sacra de São Paulo, o Museu da Imagem e do Som (MIS) e o Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, posteriormente denominado Museu da Casa Brasileira.

É preciso deixar claro, diz ela [Rússio], que um museu é considerado hoje como um organismo social, para preencher uma função também social. E um microssistema dentro de um sistema maior. Deve haver uma interação entre museu e sociedade e quando ela não existe, o museu permanece estanque e não corresponde às necessidades de uma sociedade democrática. Deve-se lutar por uma abertura maior dos museus a toda a população e não a uma parcela mínima, como ocorre atualmente, pois esse elitismo é um ranço cultural da pior espécie (Folha de S. Paulo, 25 abr. 1980. Ilustrada, p. 43).

Podemos dizer que, no contexto museológico “brasileiro”, narrativas históricas nacionais passaram a serem expostas, sob o olhar das coleções de seus “guardiões”. O que pode ser apontado como ponto de intersecção, ao longo do tempo, refere-se às práticas colecionistas e suas especificidades, norteadas por teóricos e instituições museológicas alinhadas, muitas vezes, às propostas expositivas internacionais.

Desta forma, relativizamos que o conceito de “museu” reflete uma expectativa contemporânea acerca desse espaço, o que significa dizer que se espera que nas instituições museológicas suas coleções propiciem a fruição estética e a troca de conhecimento através de suas exposições. A partir da década de 1950 foram realizados vários encontros museológicos, promovidos pelo ICOM, para debater temas relacionados aos museus. Dentre os mais importantes estão o realizado em Santiago do

³ Luiz Gonzaga Bandeira de Melo Arrobas Martins. Advogado, político brasileiro, secretário de cultura, colonista, membro da Academia Paulista de Letras.

Chile, em 1972, que resultou na Declaração de Santiago, que recomendava a modernização das práticas museológicas, e o de Quebec, Canadá, em 1984, que defendia a interdisciplinaridade e o uso de métodos modernos de comunicação.

Os museus são espaços que, através de sua potencialidade na construção discursiva de narrativas históricas, podem dar sentido aos eventos do passado fornecendo perspectivas para um futuro, a exemplo do Museu Eugênio Teixeira Leal, que adquire continuamente novas peças, que são preservadas e conservadas, servindo de fontes de pesquisas internas e externas ao museu.

Realizada esta descrição sobre a trajetória dos museus, das suas origens à atualidade, passaremos agora a uma breve apresentação sobre o colecionismo numismático, sua origem e seus conceitos fundamentais.

2.1 AS ORIGENS DA MOEDA E DA MEDALHA

Não existe um consenso sobre o que teria levado as pessoas a coletar, guardar, classificar e proteger artefatos e biofatos, desde as mais remotas eras. Para Desvallées & Mairesse (2014, p. 32), uma coleção é

um conjunto de objetos materiais ou imateriais [...] que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada.

Já para Krzysztof Pomian, estes objetos colecionados tornam-se semióforos, que assim descreve em seu célebre texto *Coleção*: “De um outro lado estão os semióforos, objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado” (POMIAN, 1984, p. 71).

Os metais manipulados pelos seres humanos, desde as eras mais remotas - como o ferro, o cobre, a prata e o ouro - seja por sua durabilidade, maleabilidade ou beleza passarão a ser cada vez mais procurados, disputados, extraídos, manufaturados e, subsequentemente, comercializados pelos mais diversos povos. Alguns desses metais, ou objetos produzidos a partir deles, passarão de mão em mão, por vezes ao longo das gerações, tornando-se “coleccionáveis”. Este objeto, que se tornou um semióforo, deixou de ter a sua utilidade original, e passa a ser dotado de um novo significado. Para Pomian, “um semióforo ascende à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração” (1984, p. 72).

Para Pomian, uma característica está indelévelmente associada ao colecionismo: a ostentação (1984, p. 58). O detentor da coleção, seja uma pessoa ou uma instituição, quer demonstrar as suas qualidades - seja sua crença, o seu nível de intelectualidade, de bom gosto ou, mesmo, o seu poder aquisitivo - por intermédio do acervo exibido. Portanto, o objeto ou a coleção devem ser exibidos e reconhecidos, seja para muitos ou para poucos, como propriedade do seu detentor, com todos os seus referenciais simbólicos.

Para a numismática, o momento crucial é aquele em que os metais passam a ser utilizados não apenas para a confecção de objetos, mas também para a cunhagem de moedas e medalhas.

A moeda, como hoje a conhecemos, surgiria no Ocidente no século IV a. C., quando Imperador Croesus, do reino da Lídia (atual Turquia), teria ordenado mandar bater (cunhar) em pedaços de ouro e prata os seus símbolos, o Touro e o Leão, assegurando o valor e originalidade daquelas peças de formato ainda irregular.

Apesar de outras emissões monetárias serem conhecidas mesmo antes dele, inclusive na China, a emissão da moeda *electrum-stater* tornaria aquele imperador célebre pelo exercício do *jus cunni*, ou seja o direito de mandar fazer moedas, atributo exclusivo dos governantes. Esta prática logo seria adotada por diversos reinos do Mediterrâneo e, em Roma, no século III, sob o reinado de Diocleciano seria cunhada uma moeda chamada *follis*, com a efígie da deusa Juno Moneta, que de tão popular emprestaria seu epíteto a todas as demais peças pecuniárias que até hoje chamamos de moeda (SPINOLA, 2011, p. 428).

Esta associação entre moeda, poder instituído e religião irá se perpetuar até os nossos dias, o que pode ser facilmente constatado ao vermos frases como “In God We Trust”, inscrita nas cédulas de dólar estadunidense ou “Deus Seja Louvado”, nas cédulas do real brasileiro. Na civilização greco-romana, os mesmos metais que exerciam uma função econômica e social, também tinham o seu papel ritualístico. Os lugares sagrados, como templos e igrejas, não apenas recebiam oferendas em moedas, como eles próprios se tornaram locais de cunhagem. As oferendas em ouro e prata ficavam expostas nos templos até serem transformadas em moedas e, quando ocorriam conflitos armados, estes verdadeiros tesouros eram saqueados para financiar os gastos das campanhas militares (POMIAN, 1984, p. 57).

A prática de colecionar moedas é quase tão antiga quanto a sua própria origem. O imperador Alexandre da Macedônia (356-323 a.C.), possuía uma rica coleção de

moedas vindas de várias partes do mundo, principalmente das regiões por ele conquistadas. O cônsul romano Sila (138-78 a.C.) e o imperador Júlio César (100-44 a.C.) também foram colecionadores de moedas.

Do final da Antiguidade ao início da Idade Média, o Ocidente assistirá a diversos fatos que marcarão profundamente a sua civilização: a queda do Império Romano do Ocidente, as migrações germânicas, a ascensão do Islamismo e a expansão do Império Otomano. Também sofrerá com pestes e escassez de alimentos e metais. Esta última afetará diretamente a produção de moedas em várias regiões da Europa.

Mas, por volta do século XIII um movimento conhecido como Renascimento ou Renascença se proporá a resgatar determinados valores culturais da Antiguidade Clássica, propiciando o retorno do interesse pelas coleções. Não que elas estivessem esquecidas, mas esse momento impulsionará novamente a prática do colecionismo, criando um novo modelo mercantilista de total interesse dos mercadores europeus, asiáticos e africanos.

A intensificação do comércio entre Europa, África e Ásia trouxe não apenas as especiarias, mas também objetos considerados “exóticos”, que iriam enriquecer as coleções dos nobres. Gradativamente as edificações religiosas, as mansões e os castelos da nobreza começaram a ter o seu espaço dedicado aos semióforos colecionados, cada colecionador com os seus interesses específicos.

É neste momento que surgem os chamados “gabinetes de curiosidades”, coleções, em sua maioria privadas, dos mais variados objetos, reunidos em espaços limitados, mas que podiam ser visitadas por convidados, à exceção daquelas de caráter secreto.

Remontando aos séculos XVI e XVII, os gabinetes de curiosidades europeus traduzem a preocupação com a memória. [...] Os gabinetes, a princípio, revelam um caráter enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelos menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos. Ainda não existe uma preocupação nítida com a classificação, a nomeação de tudo o que se descortina diante desses homens. Antes de qualquer coisa, trata-se de juntar, de colecionar objetos que dão a ideia da existência de “outros”. O ato de colecionar transfigura-se em compreensão de tudo o que há no mundo (POSSAS, 2013, p. 159).

Neste período o poeta italiano Francesco Petrarca (1304-1374) - a quem também é atribuída a invenção do soneto - foi um dos primeiros colecionadores a adotar um sistema de análise e classificação de moedas, sendo por isso considerado como o “Pai da Numismática”.

Na transição da Idade Média para a Idade Moderna ocorre a formação do que atualmente chamamos de Estados, que passam a deter a *jus cunni*, o direito de mandar cunhar moedas, que deixará de ser permitido aos nobres para ser uma exclusividade do Estado soberano. Impedidos que foram de cunhar moedas, os demais nobres passaram a mandar cunhar medalhas com a sua efígie ou em celebração às realizações que considerassem relevantes registrar, a exemplo do que fizeram Ludovico Sforza (1452-1508), de Milão (Figura 5) e Lorenzo de Médici (1449-1492), de Florença, dentre inúmeros outros. Neste trabalho, adotamos o conceito de “medalha” do prof. Antonio Luiz Costa (2018):

Medalha (*medal*): peça gravada, cunhada ou fundida para comemorar um acontecimento, sinalizar devoção religiosa, premiar um feito ou vitória, honrar um mérito, ser insígnia de um cargo ou profissão, servir como presente diplomático ou pessoal ou ainda como forma de expressão artística.

Figura 1 - Medalha de Ludovico Sforza (Testone)



Fonte: Numisbids (www.numisbids.com)

É atribuído ao artista Vittorio Pisano (1395-1455), conhecido como Pisanelo, a criação da medalha moderna, essencialmente iconográfica, na Itália, em princípios do século XV (COIMBRA, 1961a). Daquele país, a arte medalhística se espalharia por inúmeros países europeus.

A medalha, tal como a tinha concebido a Itália no século XV e como Vittorio Pisano a tinha criado, era essencialmente iconográfica. Era um retrato confiado a uma matéria imorredoura para passar à posteridade. Tudo aí estava subordinado à efígie e o tipo de reverso era apenas a divisa da personagem representada ou uma alegoria laudatória à mesma. Não se cuidava absolutamente de fazer disso a comemoração de um acontecimento ou de um determinado fato. É a França que nos dá o primeiro exemplo de uma medalha comemorativa (COIMBRA, 1961b, p. 543).

A cunhagem de medalhas se tornou uma das mais importantes formas de celebrar e perpetuar a memória de personagens, fatos e efemérides históricas. Recordemos que,

nesse período o papel estava ainda em seus primeiros momentos, como principal fonte de registros históricos, graças à invenção da prensa, aproximadamente em 1439, por Johannes Guttemberg (1400-1468). Como as moedas passaram a ser oficialmente emitidas pelas instituições governamentais, e com uma menor variação local na sua iconografia ao longo dos anos, a medalha, pela flexibilidade da sua emissão e pluralidade de possibilidades, conquistou esse espaço de registrar e comunicar os fatos que seus emissores consideravam relevantes. Como destaca Kurt Prober:

A medalha, comemorando um determinado fato, quase sempre nos indica com precisão o momento exato do acontecimento, além de nos relatar pormenores explicativos, que permitem ao estudioso reviver fatos históricos com todas as minúcias, as quais do contrário fatalmente cairiam no esquecimento. Cada medalha, por mais inexpressivo que seja o seu aspecto, vale por um documento vivo e indelével de fato real. (PROBER, 1965, p. 6).

O ato de colecionar e estudar moedas e medalhas históricas será amplamente difundido a partir do século XVI. Os critérios de classificação irão se aprimorar, não apenas na numismática, mas em diversas outras vertentes do colecionismo.

A constituição dos museus está intimamente ligada ao colecionismo. [...] Nos gabinetes de curiosidade, os diversos exemplares eram recolhidos e armazenados de forma aleatória [...] No entanto, ao longo do século XVII, este aspecto vai assumindo outra dimensão. Para conhecer já não bastava possuir. Processos de investigação e de ordenação foram surgindo. [...] Este incipiente processo de ordenação e classificação marca o início da transição das coleções dos gabinetes de curiosidades para a formação de coleções mais específicas [...] Com a classificação veio a especialização dos estudos e o estabelecimento de novos procedimentos de coleta e conservação (POSSAS, 2013, p. 159).

Mas, de acordo com Pomian (1984, p. 77), “até a metade do século XVIII, pelo menos em França, são as *medailles*, isto é, as moedas antigas, as peças de coleção por excelência” Aparentemente nessa frase parece haver uma confusão semântica entre as palavras moeda e medalha, mas não é o que ocorre. O numismata Pedro Alves Camelo esclarece:

Medalhas e moedas confundiam-se de tal maneira que, entre os povos antigos não havia distinção entre umas e outras, ora valendo como elemento de troca ou como peças artísticas comemorativas, principalmente entre os gregos e os romanos. Daí a razão de serem empregadas indiferentemente as palavras “medalha” ou “moeda” para a sua denominação... Somente na época da Renascença, em contraposição à moeda, foi empregada a palavra “medalha”, do latim “*metallum*” (CAMELO, 1953, p. 309).

Com ele concorda o historiador e numismata Álvaro da Veiga Coimbra, que no seu artigo Noções de Numismática VIII nos diz:

Os gregos e os romanos, salvo algumas exceções, não faziam distinção entre a medalha e a moeda. Para eles, umas e outras eram a mesma coisa; as suas moedas eram simultaneamente elementos de troca e peças comemorativas. Assim, quando eles queriam consagrar aos acontecimentos uma lembrança metálica, não havia necessidade de recorrer à fabricação de uma medalha destinada a ficar fora da circulação do numerário. Era pela própria moeda, de tipos os mais variados, que assegurava a memória do fato, nela colocando o desenho alusivo da consagração. Os dois caracteres se confundiam (COIMBRA, 1957, p. 493).

Coimbra conceitua a numismática como “a ciência que estuda a moeda de todos os povos e de todos os tempos, classificando-a, interpretando-a e descrevendo-a sobre vários aspectos”, e diferencia moeda e medalha da seguinte forma:

Moeda é uma peça de metal servindo o comércio como instrumento de troca e medida de valor, emitida pelo poder público e marcada com um cunho pertencente a um Estado soberano que lhe imprime um caráter legal. A medalha, ao contrário, é uma peça de metal que pela forma muito se aproxima da moeda, mas destituída daquele caráter legal, tendo simplesmente fins comemorativos (COIMBRA, 1957a, p. 530).

Para Rodrigo Maldonado (2017, p. 17), a numismática é “a ciência que estuda e descreve as moedas, medalhas e similares, sob o ponto de vista histórico, artístico e econômico”, enquanto que Alfredo Gallas (2016, p. 16) assevera que as medalhas “têm o escopo de homenagear personalidades, registrar eventos e premiar vencedores”. Considerando os contextos históricos em que as medalhas foram criadas, os afrodescendentes, índios, mulheres e trabalhadores só aparecerão em situações específicas.

Sob o ponto de vista da Economia, a moeda é definida como um item que cumpre as funções de: meio de troca, unidade contábil, reserva de valor e padrão de pagamento diferido, ou seja, meio de crédito (COSTA, 2018). Tais definições se atem ao radical semântico *numus*, que em grego quer dizer ‘moeda’. Para alguns teóricos, o campo de estudos da numismática estaria delimitado apenas à moeda. Querem alguns que mesmo o estudo do papel-moeda pertença a outra área, chamada de notafilia. Assim, o estudo das medalhas nem sequer pertenceria ao campo da exonúmia, que estuda os artefatos que tem valor monetário, mas não o são (por exemplo: cheques, tíquetos ou fichas de

passagens, vales, etc), pertencendo ao campo da medalhística, desvincilhando-a da numismática.

Não sendo o objetivo deste estudo aprofundar os pontos de vista a respeito desta discussão, consideraremos, para efeito da nossa pesquisa, a medalhística como uma área da numismática que se dedica ao estudo das medalhas, e conceituaremos a numismática como o estudo da representação de fatos históricos, culturais e socioeconômicos, através da classificação e análise de moedas, cédulas e artefatos da exonúmia, abrangendo assim, a medalhística, a escriptofilia (títulos, apólices, cheques), a tesserologia (fichas, distintivos, emblemas) e a falerística (condecorações). Igualmente, utilizaremos a palavra “medalofilia” para designar a coleção de medalhas, e “medalofilista” ao seu colecionador.

Como foi visto anteriormente, moeda e medalha possuem uma origem única. Na Antiguidade Clássica seus papéis se confundiam e por muito tempo foram estudadas como uma só coisa, sendo a separação iniciada a partir do Renascimento. Mas, para efeitos da cultural material elas têm uma mesma função: são artefatos com representações socioculturais, antropológicas e/ou históricas, igualmente fontes de informações para pesquisadores de diversas áreas de conhecimento.

Enquanto semióforos, ambas possuem as mesmas características, pois, quando passam a integrar o acervo do museu tornam-se objetos de representação. Observemos que a medalha, a partir da sua concepção e cunhagem, já é um semióforo, pois não possui um valor de uso ou de troca, como a moeda. Ela é um objeto de representação de algo “invisível”, como vimos na definição apresentada. Desde a sua concepção e lançamento até a sua produção, divulgação e distribuição, as medalhas já possuem essa característica, de representar muito mais do que a sua iconografia revela, o que trataremos nos capítulos subsequentes.

2.2 NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA NO BRASIL E NA BAHIA

A Bahia possui uma longa tradição numismática e medalhística. As primeiras emissões de moedas realizadas pelo governo português, no Brasil, foram realizadas na cidade do Salvador, em 1695, após autorização emitida em 1694, por D. Pedro II, rei de Portugal, para a implantação da Casa da Moeda nesta cidade. Essa determinação atendeu à representação efetuada por carta pelo então governador Antônio Luís

Gonçalves da Câmara Coutinho, datada de 4 de julho de 1692, na qual ele alertava para os perigos que a Colônia corria, devido à escassez das moedas que circulavam no Brasil, várias delas de outros países, e às variações e remarcações de valor das mesmas.

Em sua primeira fase, a Casa da Moeda funcionou em Salvador, onde hoje se localiza a Prefeitura Municipal, até 1698, sendo em seguida transferida para o Rio de Janeiro. Essas transferências de local de funcionamento ocorriam devido à necessidade de aumentar o meio circulante em determinadas regiões, uma vez que era muito mais prático e seguro deslocar os maquinários e profissionais responsáveis para outras cidades, do que movimentar grandes quantidades de ouro e prata pelas inseguras rotas marítimas e terrestres. Por isso, em outras vezes (entre 1714 e 1769, 1777 e 1797, 1805 e 1828) a cunhagem volta a ser realizada em Salvador, com exceção de um breve período, em 1822, quando a Casa da Moeda precisou ser transferida para a cidade de Cachoeira, devido aos combates pela independência do Brasil, na capital.

Apesar da vasta produção nacional sobre a numismática brasileira, poucos pesquisadores se dedicaram à publicação de obras sobre a medalhística, constituindo-se a maioria delas de catálogos de referência.

Em 1870 chegava ao Brasil, Hermann Friederich Julius Meili, diplomata nascido em 13 de março de 1839, em Zurich, Suíça. De 1875 a 1881 ele exerceu o cargo de cônsul da Confederação Helvética na Bahia. Durante a sua presença em nosso país, Julius Meili reuniu uma das maiores e mais importantes coleções numismáticas brasileiras, o que o levou a produzir obras magistrais, dentre elas *O Meio Circulante no Brasil*, em três volumes, de 1897 a 1905 - da qual apenas a *Parte III: A moeda fiduciária no Brasil de 1771 a 1900* foi publicada em português – e *Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen 1822 bis 1889* (As medalhas referentes ao Império do Brasil 1822 a 1889), publicada em 1890, a primeira obra de grande relevância publicada sobre o tema. Nela podemos constatar a grande quantidade de medalhas produzidas com efígies da Família Imperial – de D. João VI a D. Pedro II - dentre todos os temas elencados pelo autor, o que já demonstra a tendência a se reverenciar as personagens da nobreza, neste período.

Figura 2 – Medalha em homenagem a Julius Meili (anverso e reverso).



Fonte: Coleção João Goulart de Souza Gomes

Além da sua coleção particular, constituída por milhares de peças, Meili foi o protagonista do estudo numismático com propósitos científicos no Brasil, ao propor normas e técnicas de pesquisa e classificação. Tão importante foi o seu trabalho, que a ele foi dado o título de **Pai da Numismática Brasileira**, sendo retratado no anverso da medalha comemorativa da 1ª Exposição Numismática da Bahia, realizada entre 1 e 6 de junho de 1952 (figura 2).

A seguir, temos *O Catalogo das Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brazil*, publicado por Amélia Machado Velho Cavalcanti de Albuquerque, a Viscondessa de Cavalcanti, em 1908, com uma segunda edição publicada em Paris, em 1910, em grande formato, com reproduções de 294 medalhas (CAVALCANTI, 1910). É a primeira grande obra do gênero escrita por uma brasileira, que se destaca em um universo eminentemente masculino.

Em 1965, portanto 55 anos depois, seria lançado o *Catálogo das Medalhas da República*, de Kurt Prober, então presidente da Associação Numismática do Rio de Janeiro, impresso com patrocínio do Banco Econômico da Bahia, durante as comemorações ao quarto centenário do Rio de Janeiro. A apresentação da obra foi escrita pelo próprio Eugênio Teixeira Leal (PROBER, 1965). Esta obra teve o mérito de coligir toda a produção medalhística do período da República, até então, vindo a preencher uma grande lacuna.

Eugênio Teixeira Leal (1889-1974) foi presidente da Fundação Banco Econômico e autor da proposta de criação do Museu de Numismática, inaugurado em 12 de agosto de 1974, com o objetivo de marcar o 125º aniversário do Banco Econômico. Em julho de 1984, por ocasião das comemorações dos 150 anos do banco, a diretoria muda a

denominação de Museu de Numismática do Banco Econômico para Museu Numismático Eugênio Teixeira Leal, em homenagem ao seu fundador. Em 2 de maio de 1989 foi criada a Medalha Eugênio Teixeira Leal para “homenagear cidadãos que atuam em parceria com o Memorial do Banco Econômico, contribuindo de forma eficaz com o desenvolvimento cultural da comunidade” (Figura 3).

Figura 3 – Medalha em homenagem a Eugênio Teixeira Leal (anverso e reverso)



Fonte: Coleção João Goulart de Souza Gomes

Igualmente importante é o *Catálogo Inventário Medalhas da República*, publicado em dois volumes pelo Museu Eugênio Teixeira Leal, em 1974, como parte das comemorações dos 140 anos do Banco Econômico, que elenca as 1.343 medalhas do acervo do museu, até aquela data, com as suas respectivas descrições.

Quarenta anos se passariam até que fosse publicado o *Livro das Medalhas do Brasil*, de Cláudio Amato, ex-presidente da Sociedade Numismática Brasileira, lançado em 2014, obra que contribuiu para o resgate da importância da medalhística brasileira, tendo uma edição complementar em 2017.

Periodicamente, a partir de 1977, quando foi implantado o Clube da Medalha, a Casa da Moeda do Brasil, emitiria periódicos informando sobre a emissão de novas medalhas e outros temas numismáticos. Destacamos a Revista do Clube da Medalha do Brasil, que circulou de 1994 a 2003, fonte para a realização desta pesquisa. Outro veículo importante é o Boletim da Sociedade Numismática Brasileira, que circula desde 1933 até a atualidade, com matérias produzidas pelos seus associados.

Sem dúvida, do ponto de vista acadêmico, a mais importante obra descritiva é o livro *Medalhas Contam Detalhes da História do Brasil*, de Fernanda e Alfredo Gallas (2016), que traz uma abrangente introdução sobre a Medalhística Cultural, abordando a história das medalhas no Brasil desde o período das invasões holandesas até a Primeira República, ricamente ilustrada.

Já em 1596 os holandeses cunhavam medalhas, na Holanda, celebrando os seus sucessos marítimos e comerciais em águas e terras brasileiras. Em 1646 surgiria a oportunidade para cunhar as primeiras medalhas em solo nacional quando, cercados pelas tropas brasileiras e luso-hispânicas, em Recife, os holandeses chegaram a um estado crítico. A 23 de junho daquele ano foram socorridos por duas embarcações vindas da Holanda. Os sitiados, então, cunharam duas medalhas, em ouro, com a inscrição *Door De Walk En Elisabet Is Het Reciff Ontzet* (Pelo Falcão e o Isabel foi o Recife salvo), oferecidas aos capitães das embarcações:

A guarnição do Recife e fortaleza Maurícia já contavam os dias ou talvez as horas, dentro das quais se veria obrigada a render-se, quando no dia 23 de junho de 1646 chegavam da Holanda os dois pequenos barcos Isabel e Falcão, com algumas munições e a certeza de que, dentro de um mês, devia chegar à praça um formidável socorro. A notícia e o pequeno socorro trazido foram muito festejados e se considerou de tanta importância que, para perpetuar sua memória, fizeram depois os holandeses cunhar uma medalha, cuja inscrição dizia: O Recife foi salvo pelo Falcão e Isabel (VARNHAGEN, História Geral do Brasil, 2ª Ed, vol 2º., p. 643, citado por COIMBRA, 1961c, p. 221).

É importante destacar que fato semelhante ocorreu com a cunhagem de moedas no Brasil, pois não foram os portugueses, mas sim os holandeses que primeiro as cunharam, em território nacional, em 1645, quando também estavam sitiados, motivo pelo qual são conhecidas como moedas obsidionais.

Só em 1809 tínhamos a primeira medalha referente ao Brasil, mandada cunhar pela Coroa Portuguesa, em homenagem à tomada de Caiena, capital da Guiana, aos franceses (Figura 4). Este conflito foi uma represália lusobritânica à invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte. O gravador da medalha foi Pidgeon, sendo ela cunhada em Londres, sob patrocínio de D. Domingos de Sousa Coutinho, Conde de Funchal. Em 2009, 200 anos depois, a Casa da Moeda viria a cunhar uma nova moeda, celebrando o mesmo feito (Figura 5).

Augusto Giorgio Girardet (Roma, 23/11/1855 - Rio de Janeiro, 14/08/1955) é considerado o grande mestre da medalhística brasileira (Figura 7). Em 1891 ele passou a reger a cadeira de gravura de medalhas e pedras preciosas na Escola Nacional de Belas Artes. Naturalizou-se brasileiro em 1911 e ao longo de sua ativa vida profissional foi responsável por diversas das mais elogiadas medalhas brasileiras, a exemplo da medalha de Criação do Primeiro Cardinalato Sulamericano, em 1906 (Figura 8), a série que homenageia os Presidentes da República e a medalha do Armistício de 1918 (junto com Leopoldo Alves Campos), dentre outras.

Figura 7 – Medalha em homenagem a Girardet, emitida pela SNB, 2016 (anverso e reverso).



Fonte: Coleção João Goulart de Souza Gomes

Figura 8 – Medalha do 1º Cardinalato Sulamericano, 1906 (anverso e reverso)



Fonte: Coleção João Goulart de Souza Gomes

Uma vez realizada esta breve contextualização sobre o museu, a numismática e a medalhística, passaremos a detalhar a realização da pesquisa que proporcionou subsídios para os resultados deste trabalho.

3 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo se situa a pesquisa e apresenta-se o percurso metodológico utilizado para desenvolvê-la.

3.1 O LÓCUS DA PESQUISA

O Museu Numismático do Banco Econômico foi o primeiro museu desta instituição financeira, fundado em 1959, no bairro do Comércio, em comemoração aos 125 anos do banco. Sua criação foi uma iniciativa de Eugênio Teixeira Leal. Após o seu falecimento, em 1974, passou a chamar-se Museu Numismático Eugênio Teixeira Leal, composto por coleções de moedas, cédulas, condecorações, pintura e mobiliário. A partir da intervenção ocorrida em sua instituição mantenedora - o Banco Econômico S/A (BESA) - em 1995, a Fundação Econômico Miguel Calmon (FEMICA) dará prosseguimento à administração de dois museus: o **Museu Numismático Eugênio Teixeira Leal**, com acervo de cerca de 27 mil peças, que engloba apenas as coleções de moedas e cédulas, atualmente guardadas na Tesouraria do referido banco, no bairro do Comércio, e o **Museu Eugênio Teixeira Leal**, no Pelourinho (Figura 9).

O Museu Eugênio Teixeira Leal está localizado na rua do Açouginho, no. 1, Centro Histórico de Salvador, Bahia e possui um acervo com mais de 9.000 peças, constituído por moedas e medalhas cunhadas em ouro, prata, bronze, cobre e outros metais; cédulas, condecorações nacionais e estrangeiras, medalhas militares, mobiliário, pinturas, placas e troféus, expostos em salas específicas. Este acervo está disposto em quatro grandes módulos: Medalhas, Condecorações, História do Banco Econômico e a História do Dinheiro.

Figura 9 - Visão externa do Museu Eugênio Teixeira Leal, no reverso da medalha cunhada em homenagem aos 150 anos do Banco Econômico, bronze, 1984.



Fonte: Acervo do Museu Eugênio Teixeira Leal (METL)

As medalhas da exposição de longa duração se encontram dispostas em 24 vitrines (anexo I) distribuídas no primeiro andar da edificação (Figura 10), conforme pode ser identificado na planta baixa da área de exposição (anexo II). As medalhas localizadas na reserva técnica estão adequadamente acondicionadas em arquivo próprio. Quanto à documentação, todas as medalhas possuem ficha técnica elaborada, com fotos do anverso e reverso e seus principais dados catalogados em planilha eletrônica, ação fundamental para todo museu, como afirma Ulpiano Meneses (1994, p. 12):

Doutra parte, é a função documental do museu (por via de um acervo, completado por bancos de dados) que garante não só a democratização da experiência e do conhecimento humanos e da fruição diferencial de bens, como, ainda, a possibilidade de fazer com que a mudança - atributo capital de toda realidade humana - deixe de ser um salto do escuro para o vazio e passe a ser inteligível.

Figura 10 - Uma das vitrines do Museu Eugênio Teixeira Leal



Fotógrafo: João Goulart de Souza Gomes (2018)

3.2 A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para a realização da pesquisa no acervo medalhístico do Museu Eugênio Teixeira Leal foram previamente estabelecidos os recortes temporais e temáticos. Para atender aos pressupostos deste trabalho foi definido o período da República (1889 até a atualidade) isto porque, no período do Império, a grande maioria das medalhas diz respeito à Família Imperial ou a fatos e personalidades a ela relacionada, sendo praticamente inexistente a ocorrência de medalhas que contemplem os grupos sociais pesquisados, conforme constatado através da análise dos catálogos da Viscondessa de Cavalcanti (ALBUQUERQUE, 1910) e de Julius Meili (MEILI, 1890).

Quanto aos temas, interessam-nos aqueles que contemplam os grupos sociais que fazem parte do pressuposto estabelecido, qual seja, a representatividade de mulheres, afrodescendentes, indígenas e trabalhadores na medalhística brasileira.

Importante observar que não fazem parte do recorte estabelecido para as medalhas do grupo “Mulher”, as imagens de alegorias que *de per se* representam ideais ou atividades empresariais (Cultura, Liberdade, Independência, República, Indústria, Comércio, Agricultura, etc) e as divindades de qualquer religião, a exemplo de santidades católicas (santas), orixás e deusas do panteão greco-romano.

Acontece o oposto com as medalhas que dizem respeito a “Indígenas” e “Trabalhadores”. Estes grupos são sempre representados por alegorias, sendo a única exceção a referência a Felipe Camarão, líder indígena na resistência à Invasão Holandesa em Pernambuco, no século XVII, na medalha em homenagem à vitória na Batalha dos Guararapes, que será analisada adiante.

Quanto ao agente emissor das medalhas, foi dada especial atenção àquelas produzidas pelos órgãos públicos, sejam eles federais, estaduais ou municipais, principalmente a Casa da Moeda do Brasil. O intuito foi verificar a importância dada pelos governos à preservação da memória dos fatos e à representação das personagens históricas integrantes das classes já citadas nas suas emissões oficiais, pois como observa Jöel Candau (2018, p. 149):

De uma maneira geral, as minorias étnicas, as classes populares e as mulheres são as grandes ausências das comemorações. No quadro da combinação complexa entre história memorizada, reencontrada e inventada, é uma “memória supostamente compartilhada” que é selecionada, evocada, invocada e proposta à celebração em um projeto integrador que busca forjar uma unidade: aquela imaginada do acontecimento comemorado e do grupo que o comemora.

Quanto à metodologia foi realizada a pesquisa empírica, caracterizada pela busca de dados relevantes e pertinentes, para análise dos pressupostos estabelecidos, de forma a promover uma melhor compreensão do objeto de estudo.

Os métodos desta pesquisa são o qualitativo e o quantitativo, com a coleta dos dados disponibilizados, sua ordenação, classificação em categorias específicas e análise, que resultaram nos gráficos apresentados a seguir. Segundo Minayo (2001, p. 22), “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

As medalhas foram submetidas à análise das representações das imagens cunhadas no seu anverso e reverso, pois que estes objetos constituem documentos na forma materializada, possibilitando interpretações acerca dos sujeitos que compõem as situações projetadas nas duas faces das medalhas. Como afirma Jacques Le Goff (1996, p. 13):

Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los, nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da cultura material, os objetos coleção (cf. pesos e medidas, moeda), os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis, (cf. fóssil) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. animal, homo).

A principal fonte documental desta pesquisa são as medalhas, mas também recorreremos a diversas publicações, a exemplo de revistas e periódicos existentes na biblioteca do Museu Eugênio Teixeira Leal e em outras bibliotecas, inclusive o acervo particular do autor deste trabalho.

Por fim, a análise de conteúdo permitiu estabelecer uma melhor compreensão dos dados coletados, de forma a confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e responder às questões formuladas, ampliando o conhecimento sobre o assunto e articulando-o ao contexto social (MINAYO, 2001).

3.3 PLANEJAMENTO E REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Após a realização de contatos com a administração do Museu Eugênio Teixeira Leal (METL), informando quais os objetivos da pesquisa, e obter o aval da mesma, realizamos duas reuniões preliminares com a equipe da instituição, tendo a segunda reunião contado com a participação da diretora Eliene Bina. Durante as reuniões tivemos a possibilidade de explicar detalhadamente o projeto, obtendo receptividade à sua realização.

Foi disponibilizado o livre acesso do pesquisador ao acervo medalhístico, que está totalmente catalogado em bancos de dados, com fichas individuais onde constam os dados técnicos de cada peça, informações complementares e fotografias de anverso e reverso, além do acesso aos croquis das instalações e permissão para a realização de fotografias das medalhas expostas, seguindo critérios previamente estabelecidos.

O acervo medalhístico do museu é composto por cerca de 3.100 medalhas, produzidas em ouro, prata, bronze, cobre e outros metais. Destas, não foram pesquisadas as medalhas de ouro, que representam cerca de 5% do total. Isto se deve ao fato que a quase a totalidade das medalhas cunhadas em ouro, existentes no acervo, também foram produzidas em outros metais. Também foram excluídas as medalhas cunhadas no período do Império, resultando em aproximadamente 2.700 medalhas analisadas.

A partir de todas as informações e acervo disponibilizados pelo museu para consulta foi possível a identificação das medalhas pertinentes ao tema da pesquisa. Além disso, também obtivemos a relação das medalhas cunhadas pela Casa da Moeda do Brasil, a partir de 1977, integrantes do acervo do Clube da Medalha do Brasil, que serviu para a comparação estatística que será descrita.

Complementarmente foram verificadas as 1.300 medalhas do nosso acervo particular, quando foram identificadas outras medalhas, que serão incluídas neste estudo.

3.4 MODOS DE CLASSIFICAÇÃO DAS MEDALHAS

A principal dificuldade encontrada na pesquisa diz respeito à classificação das medalhas. Não existe um padrão aceito universalmente, com cada medalofilista⁴ ou organização estabelecendo um critério particular, muitos deles semelhantes. Além disso, constata-se uma certa indefinição entre os termos “tema” e “categoria”, por vezes utilizados como sinônimos, resultando em uma dúvida quanto à sua utilização.

O primeiro numismata a realizar uma classificação medalhística em nosso país foi Julius Meili, considerado o Pai da Numismática Brasileira. Em seu catálogo, publicado em 1890, ele primeiramente classifica as medalhas em dois grupos, por cronologia, e estabelece subcategorias para estes grupos, conforme pode ser constatado no Quadro 1:

Quadro 1 - Classificação das medalhas, por Julius Meili.

CATEGORIA	TEMA
D. Pedro I	<ul style="list-style-type: none">• Diversas Medalhas Comemorativas• Condecorações Militares
D. Pedro II	<ul style="list-style-type: none">• Família Imperial• Abolição da Escravidão• Exposições• Visitas de Altos Personagens• Fundações, Aberturas & Centenários• Campanhas• Maçonaria• Letras e Ciências• Artes e Ofícios• Filantropia• Sociedade de Esporte e Instrução Pública

Fonte: MEILI, 1890

O catálogo da Viscondessa de Cavalcanti (ALBUQUERQUE, 1910) segue uma classificação semelhante, inicialmente cronológica, com subcategorias, a saber:

⁴ Aquele(a) que se dedica a colecionar medalhas históricas.

Quadro 2 - Classificação das medalhas, pela Viscondessa de Cavalcanti

CATEGORIA	TEMA
Brasil Colonial	<ul style="list-style-type: none">• Ocupação Holandesa• Domínio Português
Brasil Império	<ul style="list-style-type: none">• D. Pedro I• Família imperial• Abolição da escravidão• Artes e ofícios• Campanhas• Condecorações militares• Exposições• Fundações e inaugurações• Homenagens• Instrução pública• Instrução particular• Jubileus e centenários• Letras e ciências• Filantropia• Religião• Visitas de altas personagens e de corporações• Administração e política
Brasil República	<ul style="list-style-type: none">• Administração e política• Artes e exposições• Homenagens• Inaugurações e melhoramentos nacionais• Jubileus e centenários• Letras e ciências• Religião• Sociedades de esporte• Visitas de altas personagens e de corporações

Fonte: ALBUQUERQUE, 1910

Já o historiador Álvaro Coimbra (1961c) propõe uma classificação que inverte o método utilizado anteriormente, propondo cinco grandes categorias: a) Cronológica, b) Histórica, c) Artística, d) Pessoal e e) Matéria, dentro das quais as medalhas estariam classificadas em ordem cronológica. Neste mesmo texto ele apresenta a classificação então utilizada pelo Museu Histórico Nacional que as agrupa em: a) Profanas: Comemorativas e Premiais, b) Religiosas e c) Condecorações, todas com suas subcategorias.

Em 1974, o Museu Eugênio Teixeira Leal, publica o seu catálogo inventário Medalhas do Brasil – República, em dois volumes, no qual adota as seguintes categorias: a) Política & Governo; b) Instituições & Atividades Culturais (bibliotecas,

museus, jornalismo); c) Associações diversas; d) Filosofia; e) Religião; f) Ciências Sociais; g) Ciências Puras; h) Ciências Aplicadas; i) Arte & Recreação; j) Literatura e k) Geografia e História.

Atualmente, o Clube da Medalha do Brasil, da Casa da Moeda, em seu site⁵, utiliza quatro temas e oito categorias em sua classificação, a saber: a) Temas: Arte, Bichos do Real, Lugares e Cidades e Personalidades; b) Categorias: Dia dos Pais, Esporte, Eventos Históricos, História, Instituições, Militar, Natal e Religião.

Diante deste cenário e, após a análise do acervo do museu, dos catálogos acima citados, além do Livro das Medalhas do Brasil (PROBER, 1965) fez-se necessária realizar uma classificação mais precisa das medalhas brasileiras, em relação às anteriormente citadas, que atendessem aos objetivos deste trabalho.

Quadro 3 - Categorias e temas utilizados na pesquisa

CATEGORIA	TEMA
Medalhas Esportivas	De caráter pessoal, são concedidas aos atletas em função da sua colocação em competições.
Medalhas Premiais	De caráter pessoal, são concedidas a participantes de qualquer gênero de competição, disputa ou prova, a exemplo dos prêmios de instrução escolar ou acadêmica e de filantropia.
Medalhas Religiosas ou Esotéricas	Aquelas que expressam a crença, ideal, religiosidade ou fé em determinada divindade, bem como as maçônicas e de outras entidades semelhantes.
Medalhas Históricas	Aquelas que registram a homenagem a personalidades ou instituições, efemérides, fatos considerados relevantes, etc, e tema por temas mais recorrentes: <ul style="list-style-type: none"> • Fatos e efemérides históricos • Personalidades culturais • Instituições Culturais • Meio Ambiente • Cidades • Ciência • Colecionismo • Economia (atividades agropecuárias, comerciais e industriais) • Educação • Esportes • Justiça • Militarismo

⁵ www.clubedamedalha.com.br

	<ul style="list-style-type: none">• Instituições filantrópicas e religiosas• Presidentes da República• Afrodescendentes• Indígenas• Mulheres• Trabalhadores
--	--

Fonte: Elaborada por João Goulart de Souza Gomes (2019)

Esta classificação, em quatro categorias e 18 temas (Quadro 3) será a referência para esta pesquisa, observando que apenas os quatro últimos temas – afrodescendentes, indígenas, mulheres e trabalhadores - são de nosso interesse.

4 CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS MEDALHAS DO MUSEU EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL

Após a análise das 2.700 medalhas existentes no acervo do museu, foi identificada a existência de 21 medalhas que atendiam aos critérios especificados, ou seja, menos de 1% do total pesquisado, o que de antemão já indicava a confirmação da hipótese levantada no início da pesquisa, evidenciando a diminuta representatividade dos segmentos elencados na produção medalhística nacional, em sua maioria de iniciativa governamental.

Estas medalhas identificadas foram assim agrupadas: a) Afrodescendentes: onze medalhas; b) Indígena: duas medalhas; c) Mulher: sete medalhas e d) Trabalhadores: uma medalha, conforme apresentado no Quadro 4. Destacamos o reverso de duas delas, por sua maior relevância para a análise realizada.

Quadro 4 - Medalhas identificadas no museu

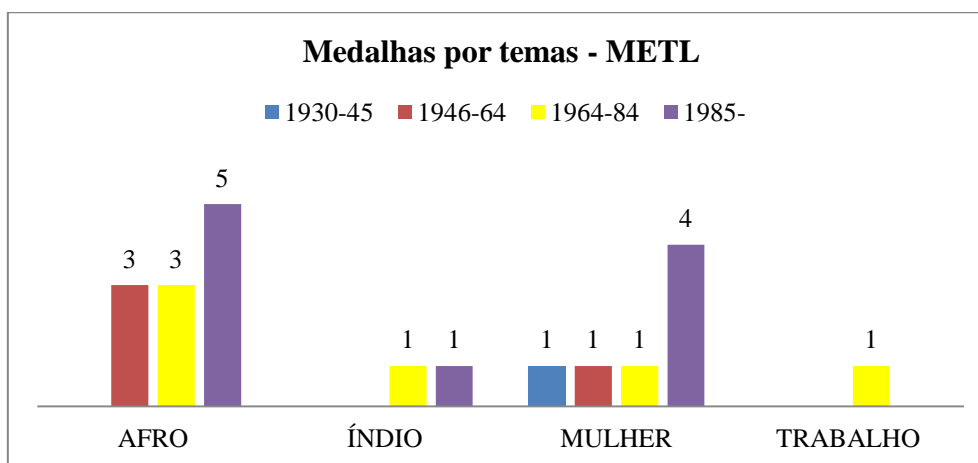
Designação	Categoria	Ano
Machado de Assis – Academia Brasileira de Letras	AFRODESCENDENTE	1946
Joaquim Maria Machado de Assis	AFRODESCENDENTE	1958
Teatro Nacional da Comédia – Sala Machado de Assis	AFRODESCENDENTE	1960
Edson Arantes do Nascimento - Pelé	AFRODESCENDENTE	1974
Edson Arantes do Nascimento - Plaqueta	AFRODESCENDENTE	1974
100 Anos de Nascimento do Monteiro Lobato – Reverso: personagens do Sítio do Picapau Amarelo	AFRODESCENDENTE	1982
Movimento Negro no Brasil - Memorial Zumbi	AFRODESCENDENTE	1986
Cem Anos da Abolição dos Escravos	AFRODESCENDENTE	1988
Machado de Assis – Série Cruzado	AFRODESCENDENTE	1989
100 anos de Castro Alves	AFRODESCENDENTE	1997
Luiz Gonzaga	AFRODESCENDENTE	2013
O Índio Brasileiro	INDÍGENA	1983
150 Anos da Navegação a Vapor no Rio Amazonas – Reverso: Indígenas à margem de rio	INDÍGENA	1993
Benta Pereira de Souza	MULHER	1935
Maria Quitéria Jesus Medeiros	MULHER	1953

Independência da Bahia – Sesquicentenário – Maria Quitéria	MULHER	1973
1º ano do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher	MULHER	1986
Cecilia Meireles	MULHER	1991
100 Anos de Nascimento da Mãe Menininha do Gantois ⁶	MULHER	1994
Carmen Miranda	MULHER	2009
Monumento ao Trabalhador - A escultura	TRABALHADOR	1978

Fonte: Elaborada por João Goulart de Souza Gomes, 2019.

As medalhas existentes no acervo do museu têm duas origens principais: aquisições realizadas com recursos próprios ou doações de terceiros. A principal instituição emissora de medalhas, a Casa da Moeda do Brasil, não oferece medalhas como cortesia ao museu. Por isso, se fez necessário verificar se o pequeno número de medalhas existentes no museu (Gráfico 1), com as características que desejamos analisar, era uma consequência da não emissão das mesmas pelas instituições ou se por alguma falha na aquisição, por parte do museu. Cabia, também, confrontar esses dados com outras bases, comparando as informações. Para realizar essa análise foram consultadas outras duas fontes de informação.

Gráfico 1 - Medalhas encontradas no Museu Eugênio Teixeira Leal, por tema



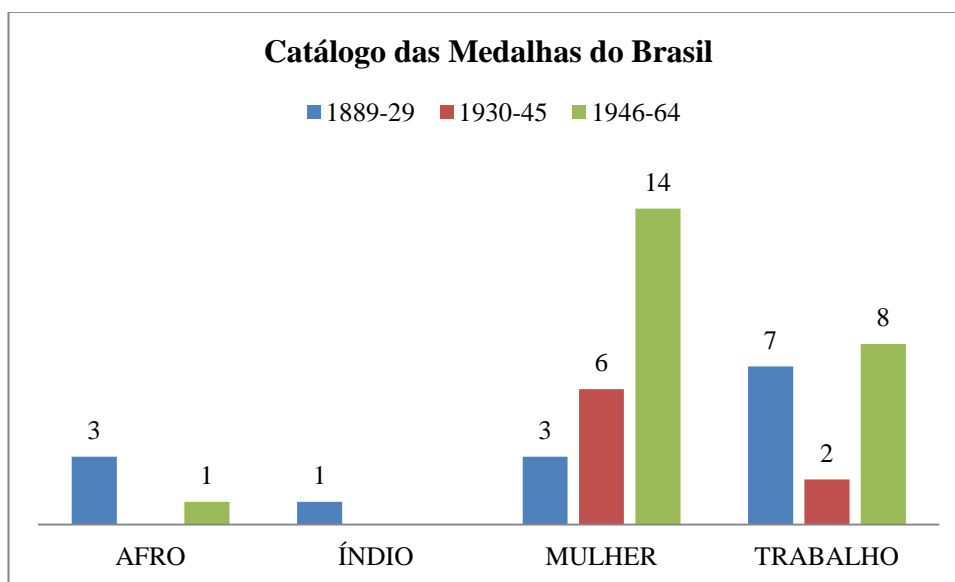
Fonte: Elaborado por João Goulart de Souza Gomes, em 2019.

Como primeiro item de verificação, realizamos a análise e classificação temática das 3.267 medalhas constantes no Catálogo das Medalhas da República (PROBER,

⁶ A medalha em homenagem à Mãe Menininha do Gantois poderia ser incluída na categoria MULHER ou AFRODESCENDENTE. O optamos por incluir na primeira, por considerarmos que o gênero precede a etnia.

1965), considerada a mais completa obra da medalhística nacional, em seu gênero. Classificamos todas as medalhas pelos mesmos temas utilizados na análise das medalhas do museu e identificamos apenas 45 medalhas que correspondiam ao recorte estabelecido, ou seja, 1,37% do total, número compatível com o encontrado no acervo do museu, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Medalhas encontradas no catálogo de Kurt Prober, por tema

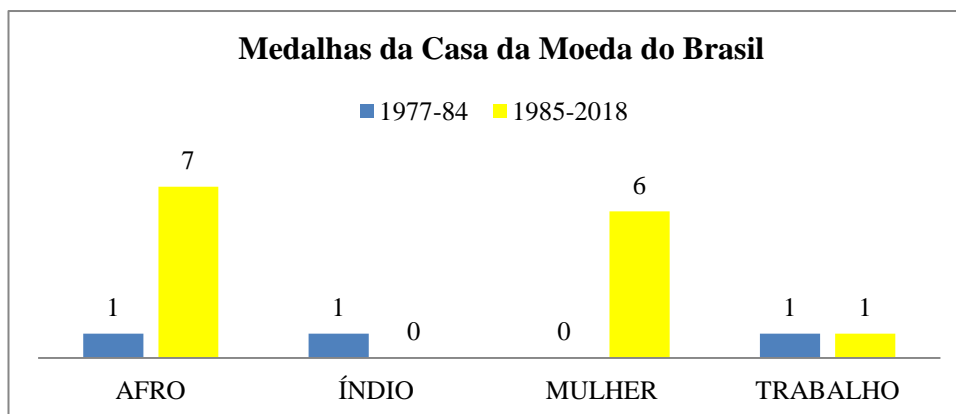


Fonte: Elaborado por João Goulart de Souza Gomes, em 2019.

O segundo item de verificação utilizado foi a lista de medalhas cunhadas pela Casa da Moeda do Brasil, órgão oficial emissor das medalhas do governo, no âmbito federal, por intermédio do Clube da Medalha do Brasil, a partir de 1977, uma vez que não foi realizado registro da produção feita anteriormente a esta data.

Foram analisadas as 344 medalhas emitidas por aquele órgão, de 1977 a 2018, sendo constatado que apenas 17 delas diziam respeito aos temas estudados, equivalente a 5% do total. Este percentual maior é perfeitamente compreensível e justificável, em relação aos demais. O recorte temporal desta segunda fonte é bem menor, a partir de 1977, e justamente quando se começa a perceber um crescimento no número de medalhas que homenageiam os segmentos estudados. O Gráfico 3 pode ilustrar esta realidade:

Gráfico 3 – Medalhas produzidas pela Casa da Moeda do Brasil, por tema



Fonte: Elaborado por João Goulart de Souza Gomes, em 2019.

Dessa forma, comparando os dados obtidos nas três bases estatísticas, podemos constatar que o acervo medalhístico do Museu Eugênio Teixeira Leal constitui uma base de dados que reflete a não representatividade dos segmentos sociais abordados nesta investigação. A análise final dos dados validou a hipótese inicial da pesquisa, que supunha, nesta investigação, a baixa representatividade dos grupos sociais escolhidos (afrodescendentes, indígenas, mulheres e trabalhadores) na medalhística nacional, por responsabilidade dos órgãos emissores.

Às 21 medalhas encontradas no acervo do museu, acrescentamos outras nove, do autor desta dissertação, que estão enquadradas nos temas pesquisados e contribuirão para a análise histórica e memorialística (Quadro 5).

Quadro 5 - Medalhas identificadas no acervo do autor

Designação	Categoria	Ano
Zumbi - 300 anos	AFRODESC.	1995
Cruz e Sousa - 100 anos	AFRODESC.	1998
Terra Brasilis - 500 anos	INDÍGENA	1996
Descobrimto do Brasil - 500 anos	INDÍGENA	1997
Batalha dos Guararapes - 350 anos	INDÍGENA	1998
Desenvolvimento - 500 anos	INDÍGENA	2000
Ana Neri – Soc. Brasil. de Educação e Integração	MULHER	s/d
Dona Anna Nery - Cruz Vermelha	MULHER	1952
Getúlio Vargas - 100 anos	TRABALHADOR	1983

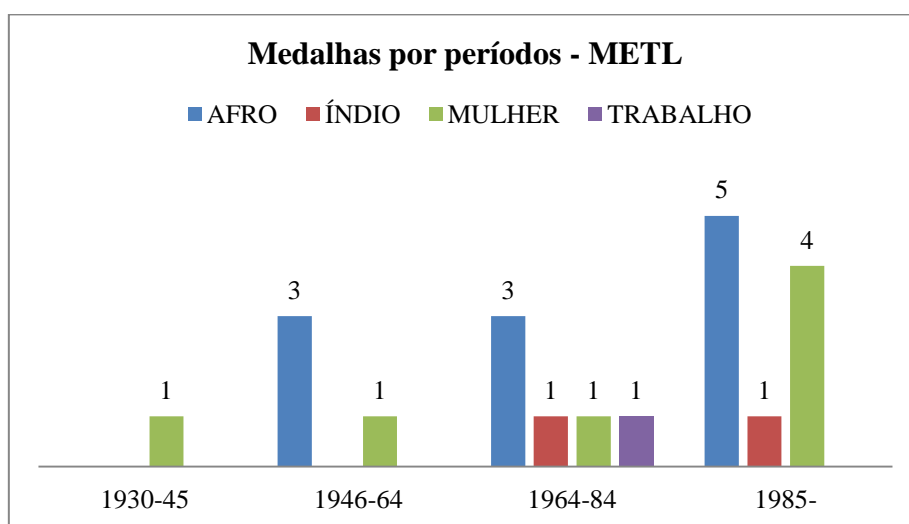
Fonte: Elaborada por João Goulart de Souza Gomes, 2018

4.1 ANÁLISE DAS MEDALHAS SELECIONADAS

Realizaremos, agora, a análise das medalhas selecionadas, considerando o seu contexto de produção nos respectivos períodos históricos⁷, analisando a variação dos temas abordados pelas mesmas em relação ao cenário político, cultural e socioeconômico predominante no país em cada um deles (Gráfico 4).

Quando as 21 medalhas encontradas na pesquisa realizada no Museu Eugênio Teixeira Leal são ordenadas de acordo com tais critérios, um fato importante é evidenciado: o gradativo aumento de medalhas que homenageiam afrodescendentes, indígenas, mulheres e trabalhadores, ao longo do tempo.

Gráfico 4 – Medalhas encontradas no Museu Eugênio Teixeira Leal (METL), por período.

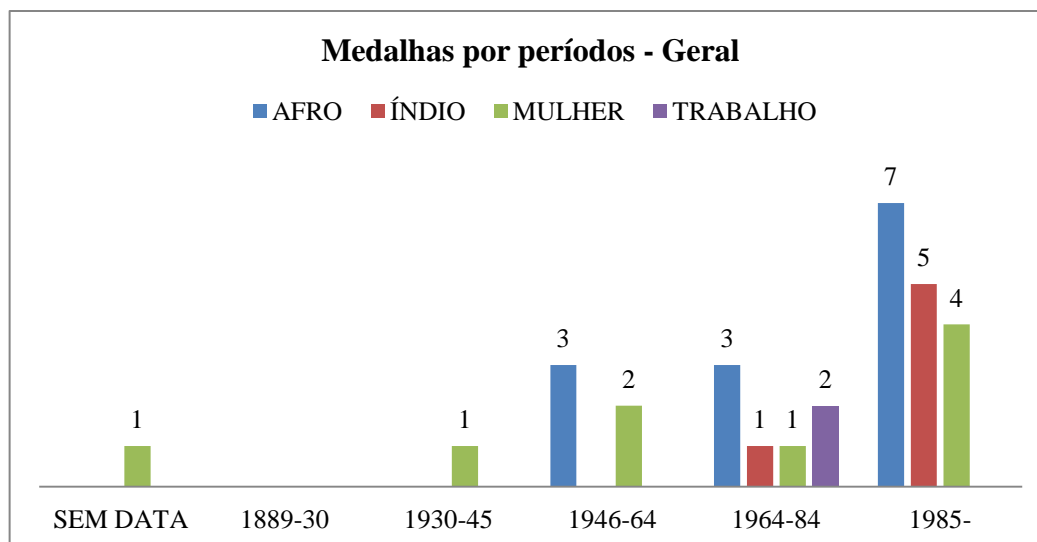


Fonte: Elaborado por João Goulart de Souza Gomes, em 2019.

Este resultado se repete, mesmo quando acrescentamos as outras nove medalhas, encontradas no acervo particular (Gráfico 5):

⁷ Os períodos considerados são: Primeira República (1889 a 1930), Era Vargas (1930 a 1945), República Nova (1946 a 1963), Ditadura Militar (1964 a 1985) e Nova República (1985 até a atualidade).

Gráfico 5 – Totalização das medalhas, por período



Fonte: Elaborado por João Goulart de Souza Gomes, em 2019.

As variações e suas relações com o cenário histórico brasileiro serão apresentadas a seguir. Como veremos, as medalhas retratam aspectos socioculturais de cada época, se constituindo em importante fonte da cultura material. Como ressalta Peter Burke:

Uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo que um texto levaria muito mais tempo para descrever, e de forma mais vaga, como no caso da impressão, por exemplo (BURKE, 2017, p. 125).

4.1.1 Primeira República (1889 a 1930)

Não foi identificada nenhuma medalha que correspondesse aos objetivos da pesquisa no período da Primeira República (1889-1930), no acervo do METL. Este período da história do nosso país é caracterizado pelo extremo controle político do Estado por parte dos militares que depuseram o imperador D. Pedro II e assumiram o poder, das oligarquias que os sucederam na presidência, pela política do Café com Leite (que centralizava as decisões em torno do eixo São Paulo - Minas Gerais) e por uma grande indiferença para com as questões sociais. As mulheres continuariam sem direito a voto (que só seria obtido em 1932), a abolição da escravatura não propiciou a imediata inclusão social dos afrodescendentes, relegando muitos deles a permanecerem em situação de escravidão:

Por sinal, passada a euforia dos primeiros momentos da Lei Áurea, de 1888, foram ficando claras as falácias e incompletudes da medida. Se ela significou um ponto final no sistema escravocrata, não priorizou

uma política social de inclusão desses grupos, os quais tinham poucas chances de competir em igualdade de condições com demais trabalhadores, sobretudo brancos, nacionais ou imigrantes (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 342).

As péssimas condições de trabalho levaram ao início das organizações operárias nos grandes centros urbanos, que contaram com as contribuições ideológicas dos imigrantes, principalmente dos anarquistas italianos e ao surgimento de movimentos sociais rurais, que aliavam a questão agrária à luta pela posse da terra. Neste cenário de intensas transformações, os indígenas continuavam totalmente ignorados:

Dentre os excluídos que a República criou, um grupo esteve sistematicamente distante das políticas e propósitos dos governantes republicanos: os indígenas. Se mesmo no Império o interesse foi mais retórico do que pragmático, e se os nativos figuraram antes no romanceiro romântico do que em políticas de efetiva aplicação, coma República o apagamento seria mais evidente (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 345).

Todo este descaso com tais grupos sociais, neste período, também é refletido na medalhística nacional, como demonstra o resultado obtido na pesquisa.

4.1.2 Era Vargas (1930 a 1945)

No período da Era Vargas (1930-1945) apenas uma medalha em homenagem a mulheres foi identificada. Trata-se da medalha de Benta Pereira de Sousa⁸, nascida em 1675 e que morreu aos 85 anos, em 10 de dezembro de 1760. Filha do Padre Domingos Pereira Cerveira com Isabel de Souza, Benta se casou com Pedro Manhães, com quem teve seis filhos, que criou sozinha, depois de enviuvar. Mulher de muitos bens, não só gerenciou a fortuna deixada pelo marido como educou os filhos. Aos 73 anos de idade, Benta teve participação ativa no histórico levante de 21 de maio de 1748, quando cerca de 500 habitantes da Vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes tentaram impedir, à força, a posse do 4º Visconde de Asseca como donatário da Capitania da Paraíba do Sul. O levante foi o estopim de um longo conflito pela propriedade de terras opondo dois grupos familiares. Ela lutava não só pela liberdade de suas terras, cujas delimitações haviam sido infringidas, como contra os pesados impostos requeridos pelo

⁸ A medalha foi cunhada em bronze, com 50 milímetros de diâmetro, peso de 61 gramas, gravada por C. Barreto e W. Toledo, cunhada na Casa da Moeda do Brasil.

donatário⁹. Esta medalha encontra-se na reserva técnica do Museu Eugênio Teixeira Leal, não tendo sido identificada a sua utilização em exposições temporárias (Figura 11).

Figura 11 - Medalha em homenagem a Benta Pereira de Souza (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Uma das grandes bases eleitorais do presidente Getúlio Vargas sempre foram os trabalhadores. Dessa forma, seria de se imaginar que os mesmos fossem um tema mais presente na medalhística daquele período.

O getulismo, por sua vez, servia para personificar esse projeto na figura de Vargas, na sua capacidade de reconhecer o esforço do trabalhador e na disposição de seu governo de velar pelo bem-estar dos brasileiros, protegendo e amparando os assalariados e os setores mais pobres da população (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 394).

Contudo, não é o que ocorre. Dentre todos os acervos consultados, apenas no catálogo de Kurt Prober podemos identificar duas medalhas que poderiam ser classificadas nesta categoria (em homenagem ao Dia do Colono, Curitiba, 1936 e Círculos Operários de Porto Alegre, 1939). Esta invisibilidade dos trabalhadores na medalhística brasileira deste período, ao contrário do que poderia ser imaginado, é corroborada pela historiografia contemporânea, que demonstra a manipulação dos trabalhadores, pelos poderes instituídos. Como observam os historiadores Antonio Luigi Negro e Fernando Teixeira da Silva:

Nos locais de trabalho (mas não só), o Estado Novo foi vivido como um período de sufocamento político, perda de direitos, deterioração das condições de vida e arbitrariedade patronal. Baixadas pelo regime, as leis viabilizavam a ofensiva patronal. De um lado, os empresários receberam cobertura contra tudo que taxavam como “atos indesejáveis”, estando praticamente livres do controle dos órgãos

⁹ Informações obtidas no site <http://www.camaracampos.rj.gov.br/14-memorial/634-benta-pereira>, download realizado em 21/09/2019.

públicos e da fiscalização dos sindicatos. De outro, os trabalhadores que se queixavam na Justiça do trabalho deveriam afastar-se do serviço, sem receber remuneração enquanto durasse a pendência (NEGRO & SILVA, 2019, p. 50).

No acervo do Museu Eugênio Teixeira Leal não identificamos nenhuma medalha referente a trabalhadores neste período. Curiosamente, apenas em 1978 veremos uma medalha que faz esta correlação entre o presidente e os trabalhadores. Trata-se da medalha em homenagem a Getúlio Vargas¹⁰, na coleção Presidentes, produzida na série *Ouro Preto Colection* (Figura 12). Em seu anverso vemos a efígie do presidente, com seu nome e datas de nascimento e morte em disposição circular, e no reverso vemos diversas referências ao trabalho e trabalhadores: torres de petróleo, indústria, trabalhadores da produção de petróleo movimentando uma broca de perfuração, metalúrgicos e a legenda “Educação, Trabalho, Indústria e Comércio”. Como habitualmente as medalhas e moedas tem apenas um de seus lados expostos nos museus, só uma análise mais detalhada de cada peça pode revelar dados relevantes das mesmas, assunto que será tratado em capítulo subsequente. Neste caso, sem a leitura do reverso da medalha, não seria possível perceber a correlação realizada entre o governo Vargas e os trabalhadores.

Figura 12 - Medalha em homenagem a Getúlio Vargas (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

4.1.3 República Nova (1946 a 1963)

No período da República Nova, que vai de 1946 até o golpe militar de 1964, o Brasil terá quatro presidentes da república democraticamente eleitos: Eurico Gaspar Dutra (1946-50), Getúlio Vargas (1950-54), Juscelino Kubitschek (1956-61), Jânio

¹⁰ Medalha cunhada em prata, com 50 milímetros de diâmetro, 53 gramas, gravada pro Mandarino.

Quadros (1961), que renunciou ao mandato, assumindo em seu lugar o vice-presidente João Goulart (1961-64) e quatro interinos: Café Filho (1954-55), Carlos Luz (1955), Nereu Ramos (1955-56) e Ranieri Mazzilli (1961).

O Brasil ia saindo do Estado Novo profundamente mestiçado em suas crenças e costumes, mas internalizando um racismo mal disfarçado e uma hierarquia social arraigada na intimidade que pareciam prescindir da lei para se afirmar. [...] Mas o ambiente político andava, a cada dia, mais carregado. Os protestos vazavam pelas brechas que a censura deixava destampadas, começavam a se tornar incontrolláveis e eram irreversíveis: os brasileiros também queriam liberdade de expressão, exigiam um presidente eleito democraticamente e reivindicavam uma mudança constitucional. (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 394).

Mesmo com um incremento percentual significativo em relação ao período anterior (500%), a quantidade de medalhas identificadas neste período ainda é mínimo: são apenas quatro medalhas localizadas no acervo do museu e uma no acervo particular. Destas, três são em homenagem ao escritor afrodescendente Machado de Assis (Figuras 13 a 15), emitidas pela Academia Brasileira de Letras (1946 e 1958) e pelo Teatro Nacional de Comédia (1960).

Figura 13 - Medalha em homenagem a Machado de Assis, bronze, 1946 (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Figura 14 - Medalha em homenagem a Machado de Assis, bronze, 1958 (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Figura 15 - Medalha em homenagem a Machado de Assis, bronze, 1960 (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

De origem humilde, nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em 1839, descendente de escravos, Machado de Assis ascendeu gradativamente na sociedade carioca, assumindo diversos cargos públicos, obtendo notoriedade através dos jornais em que publicava seus textos, até fundar, juntamente com vários outros intelectuais, a Academia Brasileira de Letras, em 1897, da qual foi presidente. Considerado um dos mais importantes escritores brasileiros, por muitos anos teve a sua afrodescendência dissimulada pelos registros históricos. Suas fotografias e desenhos, como os que podem ser vistos nessas medalhas, foram propositalmente “embranquecidos”, com os traços faciais e o cabelo desprovidos das características afrodescendentes. São manipulações da memória, feitas por grupos de interesses, dentro de um processo de reprodução simbólica dos contextos sociais, que veremos no capítulo 6. Só mais recentemente foi resgatada e enfatizada a sua afroascendência, com reflexos até mesmo internacionais. Um dos maiores críticos literários do mundo, Harold Bloom, inseriu Machado de Assis dentre os cem maiores escritores do mundo, em sua obra *Gênio*, enfatizando que “o gênio da ironia propiciou-nos poucos exemplos à altura do escritor afro-brasileiro Machado de Assis, a meu ver, o maior literato negro surgido até o presente” (BLOOM, 2003, p. 687).

As outras duas medalhas identificadas neste período são em homenagem a mulheres: Maria Quitéria e Anna Nery. Curiosamente as duas estiveram diretamente envolvidas nos dois maiores conflitos bélicos ocorridos, até então, em nosso país: as batalhas pela Independência do Brasil e a Guerra do Paraguai, respectivamente, o que as levou a serem consideradas heroínas nacionais.

Diferentemente das medalhas anteriormente citadas, a medalha a Maria Quitéria (Figura 16) se encontra na exposição de longa duração do Museu Eugênio Teixeira

Leal, localizada na vitrine “Independência da Bahia”, seção “Medalhas Militares”, visível apenas o anverso. Além disso, a medalha¹¹ já foi utilizada em outras quatro exposições temporárias: Salve o 2 de Julho (07.07.10 – 02.08.10), Maria Quitéria Heroína Baiana (03.07.12 – 06.08.12), A Bahia e a Independência do Brasil (01.07.17 – 30.09.17) e Peça do Mês: Independência na Bahia (Julho/2018), evidenciando a importância dada pelo museu à celebração da memória dos vultos locais.

Analisando o seu reverso, constatamos que a mesma foi cunhada por iniciativa da Sociedade Numismática da Bahia, em 1953, celebrando os 100 anos da morte da heroína (21 de agosto). No anverso, vemos Maria Quitéria em trajes militares, em um cenário de campo de batalha. Nascida em 27 de julho de 1792, na cidade de Feira de Santana, disfarçada de homem alista-se na Vila da Cachoeira, em 1821, com o nome de soldado Medeiros. Combateu nas lutas pela independência do Brasil, na Bahia, sendo condecorada pelo Imperador D. Pedro I por seus atos de bravura em combate, em 1823, com a Imperial Ordem do Cruzeiro.

Figura 16 - Maria Quitéria (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

A segunda medalha¹² deste período homenageia Anna Justina Ferreira Nery e foi encontrada no acervo particular (Figura 17). No reverso da medalha identificamos que foi confeccionada pela Cruz Vermelha Brasileira, da qual é considerada uma precursora. No mesmo acervo foi identificada outra medalha, também em homenagem a Anna Ney, porém sem data, emitida pela Sociedade Brasileira de Educação e Integração (Figura 18).

¹¹ Medalha com formato quadrangular, em prata, com 60 x 80 milímetros, 138 gramas, gravada por Montini.

¹² Medalha cunhada em bronze, com olhal, cunhada pela Casa da Moeda do Brasil, gravador L. Campos, 31 milímetros de diâmetro, 17 gramas.

Figura 17 - Medalha em homenagem a Anna Nery (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

Nascida na Vila Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira do Paraguaçu, Bahia, em 13 de dezembro de 1814. Viúva do capitão-de-fragata Isidoro Antônio Nery viu seus familiares mais próximos serem convocados para a Guerra do Paraguai e solicitou ao presidente da Província da Bahia poder acompanhar os filhos e o irmão, ou pelo menos prestar serviços voluntários nos hospitais do Rio Grande do Sul, no que foi atendida. Embarcou, em Salvador, com a tropa do 10º Batalhão de Voluntários da Pátria em agosto de 1865, como Enfermeira. Serviu como voluntária na Guerra do Paraguai (1864-1870), sendo auxiliar do corpo de saúde do Exército brasileiro. Durante toda a guerra ela prestou serviços nos hospitais militares de Salto, Corrientes (Argentina), Humaitá e Assunção (Paraguai), bem como nos hospitais da frente de operações. Viu morrer na luta um de seus filhos e um sobrinho. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1880, aos 66 anos de idade¹³.

Figura 18 - Medalha em homenagem a Anna Nery (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

¹³ Informações obtidas no site Heróis da Saúde na Bahia, <http://www.bahiana.edu.br/herois/heroi.aspx?id=Mg==>, download realizado em 21/09/2019

4.1.4 Ditadura Militar (1964 a 1985)

O breve período democrático durou dezoito anos (1946-1964) e foi interrompido pelo Golpe Militar de 1964, que implantou a ditadura militar no Brasil, promovendo uma sucessão de generais como presidentes da república, até 1985. Supressão de direitos individuais, exílio, censura à imprensa, repressão, tortura, assassinatos e manipulação de resultados econômicos foram as principais características do período, aliadas a uma campanha publicitária nacionalista que insistia em slogans como: “Brasil, ame-o ou deixe-o” e “Este é um país que vai pra frente”.

Em 1977, durante a ditadura, a Casa da Moeda do Brasil implantará o Clube da Medalha. Essa instituição será responsável pela discussão dos temas que serão representados no plano medalhístico anual daquela instituição. Composta por representantes de organizações públicas e privadas, ela propiciará um maior equilíbrio na produção de medalhas, no âmbito do governo federal, procurando dar representatividade a diversos segmentos socioculturais. No primeiro boletim do Clube da Medalha, em 1977, são informados os nomes dos integrantes da comissão medalhística, que definiu as medalhas para cunhagem no ano seguinte. Dentre eles estão o intelectual Aurélio Buarque de Holanda, os artistas Carlos Scliar e Clarival do Prado Valadares, o teatrólogo Paschoal Carlos Magno, além de representantes dos Correios, do Ministério da Educação e Cultura, do Conselho Federal de Cultura, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), museólogos e numismatas.

Possivelmente em decorrência dessas ações, pela primeira vez veremos todos os grupos sociais, alvos desta análise, representados em um mesmo período histórico. Além da medalha em homenagem a Getúlio Vargas, já comentada (Figura 12), foram identificadas outras seis medalhas. Esta quantidade representa um pequeno incremento em relação ao período anterior (Gráfico 1).

As medalhas que representam os afrodescendentes continuarão sendo produzidas em pequeno número. A rigor, apenas duas medalhas apresentam um homem negro em destaque: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Sua repercussão internacional se deve ao seu desempenho como atleta, considerado o maior futebolista brasileiro, três vezes campeão mundial, mas que nunca abraçou movimentos contra a discriminação racial, mesmo sendo alvo dela repetidas vezes. Estas duas medalhas, ambas cunhadas em 1974, por ocasião da sua despedida do futebol brasileiro, estão na exposição de longa duração do museu e também foram utilizadas em exposições temporárias.

Ambas estão expostas na vitrine “Esportes”, prateleira 1, visível apenas o anverso (Figuras 19 e 20) e também foram utilizadas nas seguintes exposições temporárias: *METL na Copa do Mundo* (Junho/2010), *Peça do Mês: Pelé - Copa das Confederações no Brasil* (Junho/2013), *Bola no Pé: gols nas copas* (16.05.14 – 20.08.14). A primeira medalha¹⁴ tem em seu anverso a efígie do Rei do Futebol e a legenda: “EDSON ARANTES DO NASCIMENTO - PELÉ”. No reverso a vista área de um estádio de futebol, logo à frente a figura de uma bola e ramo de louro. Ao redor a inscrição: “ANO COMEMORATIVO DA DESPEDIDA DO FUTEBOL - 1974”. A segunda medalha, que é uma placa em formato de pergaminho¹⁵ tem em seu anverso a inscrição: “NÃO HÁ NADA MAIS ALEGRE / NA VIDA DO QUE UMA BOLA / QUICANDO NA ÁREA. / NEM NADA MAIS TRISTE DO / QUE UMA BOLA VAZIA”, com a assinatura de Pelé. No reverso traz informações sobre a sua cunhagem.

Figura 19 – Medalha em homenagem a Pelé (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Figura 20 – Medalha em homenagem a Pelé – plaqueta (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

¹⁴ Medalha em prata, diâmetro 40 mm, 40 gramas, gravador Joel A. Brasiliense, escultor G. Carnellosso, cunhagem: Metais Nobres Ltda.

¹⁵ Medalha em prata, formato 30x42 mm, 40 gramas, gravador Joel A. Brasiliense, escultor G. Carnellosso, cunhagem: Metais Nobres Ltda.

Em 1982, a Casa da Moeda do Brasil emitiria uma medalha¹⁶ em homenagem ao centenário de Monteiro Lobato (Figura 21). No anverso vemos a efígie do homenageado, com seu nome e as eras 1882-1982 em disposição vertical. No reverso estão representadas as principais personagens do Sítio do Picapau Amarelo, sua mais popular obra literária: Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, os bonecos Emília e Visconde de Sabugosa, o porco Rabicó e Tia Nastácia, a empregada doméstica negra. Enquanto quase todas as demais personagens estão sentadas à volta da matriarca Dona Benta, que lê um livro para o grupo, Tia Nastácia está de pé, servindo os demais, em uma condição subalterna. Para Candau (2000, p. 167):

No Brasil, a manipulação da memória pelos brancos consiste em manter a memória da escravidão, pois esta é concebida como um meio de inferiorizar os negros, construindo uma identidade americana ou euro-americana com lembranças “afro”.

Figura 21 – Medalha em homenagem a Monteiro Lobato (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Isso exemplifica, mais uma vez, a importância da exibição e leitura dos reversos das medalhas, quando expostas, o que geralmente não é feito pelos museus, inclusive no Museu Eugênio Teixeira Leal, onde esta medalha está exposta na seção “Personalidades”, prateleira 2, medalha 2, e também foi utilizada na exposição temporária *Peça do Mês: Monteiro Lobato*, em abril de 2017.

Ainda neste período histórico, a Casa da Moeda lançaria duas medalhas de interesse desta pesquisa: uma em homenagem ao Monumento ao Trabalhador, em 1978 (Figura 22) e outra em homenagem ao Índio Brasileiro, em 1983 (Figura 23). Grupos

¹⁶ Medalha cunhada em prata, com tiragem limitada, diâmetro de 50 milímetros, 64 gramas, gravador Mandarin (há também versões em ouro e bronze).

sociais de maior invisibilidade na medalhística nacional, poucas peças a eles alusivas foram cunhadas.

Figura 22 - Medalha em homenagem ao Monumento ao Trabalhador (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

A medalha Monumento ao Trabalhador resgata uma triste história. O monumento foi esculpido pelo artista plástico Celso Antônio, por encomenda do presidente Eurico Gaspar Dutra, para ser colocada à frente do Ministério do Trabalho, no dia Dia do Trabalhador. Na consulta ao site As Histórias dos Monumentos do Rio de Janeiro¹⁷, em texto de autoria de Vera Dias, verificamos que:

O artista, então, representou o biótipo brasileiro, contrariando o gosto predominante da época e realizando uma representação idealizada da figura humana. A figura tem três metros de altura, em pedra, atarracada e compacta, monolítica, forte, com lábios grandes, sem camisa, descalça e trajando um avental. A estátua foi inaugurada na Avenida Presidente Antônio Carlos, no centro do Rio, no dia 1º de maio de 1950, com a presença do presidente da República, que, ao retirar o manto que cobria o monumento, disse indignado: “Não gostei”. O monumento, a partir de então, sofreu represália da imprensa, que atacou a obra, o autor, o ministro e o governo. A figura do brasileiro – representada no Modernismo na pintura de Portinari, Di Cavalcanti e outros – não resistiu às ruas. A estátua foi retirada do seu pedestal e transferida para um depósito três dias depois de inaugurada.

Em 1974, a escultura foi doada e instalada na cidade de Niterói (RJ) e colocada na Praça Enéas de Castro, no bairro de tradição operária do Barreto, como parte da celebração do quarto centenário da cidade. Em 1983, a estátua foi transferida para um novo pedestal, no Parque Municipal Palmir Silva, em frente à Biblioteca Municipal

¹⁷ Disponível em <http://ashistoriasdosmonumentosdoriorio.blogspot.com/2017/03/celso-antonio-o-trabalhador-e-o-artista.html>. Download realizado em 21set2019.

Machado de Assis. Somente em 1978, com a cunhagem da medalha¹⁸ pela Casa da Moeda, seria resgatada a importância da obra e de seu autor. No anverso podemos ver a escultura, e no reverso uma arte abstrata de Paulo Laender. Esta medalha não se encontra exposta no museu, estando em sua reserva técnica.

Figura 23 - Medalha em homenagem ao Índio Brasileiro (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

A medalha Índio Brasileiro (Figura 23) também não se encontra na exposição de longa duração do museu, mas foi utilizada na exposição temporária *Medalhas e Religiões* (01/02/17-12/03/17). Trata-se da primeira medalha a homenagear diretamente os indígenas brasileiros, cunhada pela Casa da Moeda, em 1983. Em seu anverso vemos a imagem de um chefe dos índios Umutina, do alto rio Paraguai, com seu traje típico e, ao fundo, a arte marajoara. No reverso cena da festa Aidje, da tribo Bororô (Mato Grosso), representando os caçadores, a onça parda e a onça pintada¹⁹.

A última medalha identificada, deste período, não foi produzida pelo governo federal, mas sim pelo governo estadual da Bahia, em 1973 (Figura 24). Ela comemora os 150 anos da Independência da Bahia e, em seu anverso, apresenta a heroína Maria Quitéria em posição de combate. A medalha não se encontra na exposição de longa duração do museu mas, a exemplo da outra medalha em homenagem a Maria Quitéria, já apresentada, foi utilizada nas mesmas exposições temporárias: *Salve o 2 de Julho* (07.07.10 – 02.08.10), *Maria Quitéria Heroína Baiana* (03.07.12 – 06.08.12), *A Bahia e a Independência do Brasil* (01.07.17 – 30.09.17) e *Peça do Mês: Independência na Bahia* (Julho 2018).

¹⁸ Medalha cunhada em ouro, prata e bronze, 50 milímetros de diâmetro. A medalha em prata, existente no museu, teve tiragem de 600 unidades.

¹⁹ Medalha cunhada em ouro, prata e bronze, 40 milímetros de diâmetro, criação e gesso de Néilson Neto Carneiro.

Figura 24 - Medalha em homenagem a Maria Quitéria (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

4.1.5 Nova República (1985 até a atualidade)

Chegamos, por fim, ao quinto e último período, a Nova República, que tem início em 1985, com o fim da Ditadura Militar e a eleição indireta de Tancredo Neves para presidente da República, até a atualidade. Neste período identificamos 16 medalhas, sendo dez do acervo do museu e seis do acervo particular. É uma quantidade maior que a soma das medalhas encontradas em todos os períodos anteriores (Gráfico 5), todas elas emitidas pela Casa da Moeda do Brasil. Este crescimento já é um indicativo da atenção dada por esse novo regime democrático aos grupos sociais em foco. Mesmo com esse crescimento, o grupo Trabalhadores foi negligenciado, não sendo identificada nenhuma medalha produzida em homenagem a eles. Impossível não citar a importância da promulgação da Constituição de 1988 nessa transformação ocorrida:

Ela é moderna nos direitos, sensível às minorias políticas, avançada nas questões ambientais, empenhada em prever meios e instrumentos constitucionais legais para a participação popular e direta, e determinada a limitar o poder do Estado sobre o cidadão e a exigir políticas voltadas para enfrentar os problemas mais graves da população. [...] A Constituição de 1988 deu início a um período consistente e duradouro da vigência das liberdades políticas e de solides das instituições democráticas. (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 489).

Foram identificadas, nos acervos, sete medalhas referentes a afrodescendentes, cinco a indígenas e quatro a mulheres. Neste período, importantes efemérides serão comemoradas no Brasil: os 100 anos da Abolição da Escravatura (1888-1988) e os 500 anos do início da Colonização Portuguesa na América (1500-2000), que se

convencionou chamar “Descobrimiento do Brasil”, dentre outras. Tais datas colocaram em evidência as questões relacionadas aos movimentos negro e indígena, especialmente. Primeiramente analisaremos as medalhas que dizem respeito aos afrodescendentes. Em 1986 foi lançada a medalha em homenagem à implantação do Memorial Zumbi (Figura 25). Esta medalha encontra-se na exposição de longa duração do METL, vitrine História, prateleira 1, medalha no. 7 e também foi utilizada na exposição temporária *Peça do Mês: Consciência Negra*, em novembro de 2013²⁰. No anverso vemos a efígie de um homem negro, representando Zumbi dos Palmares (1655-1695), líder quilombola dos mais importantes na resistência contra a escravidão no Brasil, cuja verdadeira fisionomia não foi registrada à época. Na exposição, graças à utilização de um suporte com base espelhada, é possível ao público também apreciar o reverso, no qual vemos uma vista aérea do Quilombo dos Palmares, com algumas moradias e árvores. Situado em Alagoas, no alto da Serra da Barriga, o local foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1985, sendo ali implantando o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, em 2007.

Figura 25 – Medalha em homenagem ao Memorial Zumbi (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Zumbi será mais uma vez homenageado em medalha emitida em 1995, pela Casa da Moeda do Brasil, em memória aos 300 anos do seu falecimento (Figura 26). No anverso vemos a efígie de um homem negro, com um casebre em segundo plano e a legenda “Zumbi”. No reverso vemos negros em uma cena de batalha, possivelmente em defesa do seu território, destacando a bravura e a luta pela liberdade²¹.

²⁰ Medalha em prata, com 40 milímetros de diâmetro e 40 gramas. Também foram cunhados exemplares em ouro e bronze.

²¹ Medalha em bronze, 50 milímetros de diâmetro, 67 gramas. Também foram cunhados exemplares em ouro e prata, arte de Cláudia Rocha e Kátia Dias.

Figura 26 – Medalha em homenagem a Zumbi (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

Em 1988 a Casa da Moeda emitirá a medalha comemorativa aos 100 anos da Abolição da Escravatura. Em seu anverso vemos uma alegoria com temas afrobrasileiros e a legenda: Cem Anos da Abolição / 1888-1988 / Governo José Sarney / Minc – Procem. No reverso vemos uma alegoria com adornos africanos, tendo em destaque elementos da cultura afro-brasileira (quartinhas, atabaques e alguidares). Na parte superior, à direita, perfis de afrodescendentes e à esquerda, ao fundo, a palavra: “AXÉ”.²² A medalha está na reserva técnica do museu.

Figura 27 – Medalha em homenagem à Abolição da Escravatura (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

As demais medalhas apresentam personalidades culturais afrodescendentes ou relacionadas com o movimento da abolição da escravatura. A primeira delas é o poeta baiano Castro Alves (1847-1871), um dos principais abolicionistas brasileiros, que em sua obra magna, o poema *Navio Negreiro*, retrata os horrores do comércio transatlântico de negros escravizados, da África para o Brasil.

²² Medalha em prata, 40 milímetros de diâmetro, 35 gramas, Kátia Maria de Abreu Dias e Glória Ferreira Dias. Também foram cunhados exemplares em ouro e bronze.

Em 1997, em comemoração aos 150 anos do seu nascimento, a Casa da Moeda do Brasil emitiu uma medalha dupla, articulada, na qual se vê, no primeiro anverso, a efígie do homenageado, com versos manuscritos de seu poema, ao fundo e a legenda: “Castro Alves 1847/1997”. No segundo anverso vemos a imagem de navio negreiro e seu rastro de espumas flutuantes, representando a obra do poeta. Abaixo, à direita, pena de escrita formando uma pomba da paz e outro trecho do poema Navio Negreiro (Figuras 28 a 30). Nos anversos e reversos internos está representada uma composição com os africanos escravizados, acorrentados e sobrepujados, no porão do navio negreiro²³. Incorporada recentemente pelo Museu Eugênio Teixeira Leal ao seu acervo, ainda se encontra em sua reserva técnica.

Figura 28 - Medalha em homenagem a Castro Alves, 150 anos (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Figuras 29 e 30 - Medalha em homenagem a Castro Alves, 150 anos (visão interna e visão lateral)

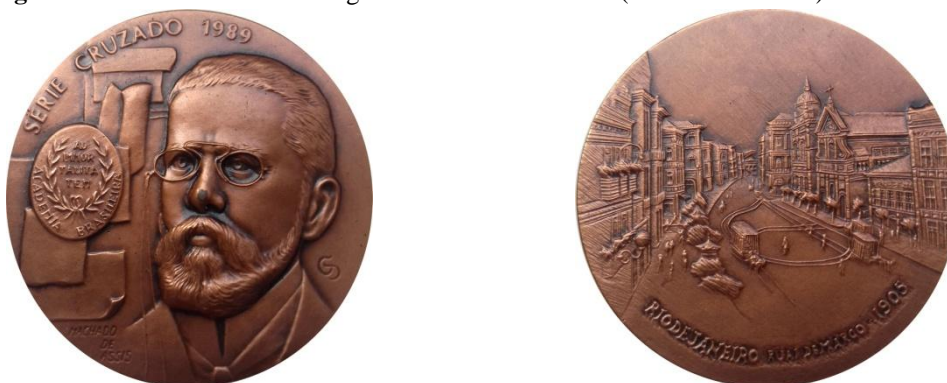


Fonte: Acervo do METL

²³ Medalha em bronze, 60 milímetros de diâmetro, 260 gramas, gravador Luciano Araújo.

Em 1989, será mais uma vez homenageado o escritor Machado de Assis, já citado anteriormente, desta vez por integrar o conjunto de personalidades representadas nas cédulas da Série Cruzado, também reproduzidas em medalhas (Figura 31). No anverso vê-se a efígie do homenageado e o escudo da Academia Brasileira de Letras, no qual se lê *AD IMMORTALITATEM* e a legenda SÉRIE CRUZADO / 1989 / MACHADO DE ASSIS. No reverso temos uma vista da Rua 1º de março, à época do escritor, e a legenda: RIO DE JANEIRO / RUA 1 DE MARÇO / 1905²⁴. A rua faz parte do cenário carioca, sempre presente nas obras do autor.

Figura 31 - Medalha em homenagem a Machado de Assis (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Cruz e Sousa (1861-1898) será o poeta afrodescendente homenageado em medalha de 1988, por ocasião dos 100 anos do seu nascimento (Figura 35). Filho de escravos, vinculado ao Simbolismo²⁵, nasceu em Florianópolis (SC) e morreu prematuramente, aos 37 anos de idade. Desde criança foi tutelado pelo marechal Guilherme Xavier de Sousa, que lhe possibilitou o aprendizado de francês, latim e grego, além de Matemática e Ciências Naturais. Em 1881, dirigiu o jornal Tribuna Popular, no qual combateu a escravidão e o preconceito racial. Em sua breve vida, publicou três livros de poesias e dois de prosa que o imortalizaram como um dos grandes nomes da nossa literatura. No anverso vemos a efígie e assinatura do poeta, em primeiro plano, com a ponte Hercílio Luz à direita e um livro aberto, abaixo. No reverso lemos parte do poema Antífona, publicado no livro Broquéis e, ao fundo, em plano rebaixado, desenho de uma pena, representando a arte de escrever.

²⁴ Medalha em bronze, 50 milímetros de diâmetro, 55 gramas.

²⁵ O movimento literário simbolista buscou regatar valores do Romantismo que foram esquecidos pelo Realismo. De acordo com a proposta simbolista, a arte e a literatura não poderiam ser retratadas apenas sob o ponto de vista da realidade (Site <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/simbolismo.htm>. Download em 22 fev. 2020)

Figura 32 - Medalha em homenagem a Cruz e Sousa (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

Por último, será homenageado o cantor e compositor afrodescendente Luiz Gonzaga (1912-1989), em medalha cunhada em 2012, pela passagem dos 100 anos de seu nascimento. Celebrado como o “Rei do Baião”, é um dos mais importantes cantores regionalistas nordestinos, autor e intérprete de grandes clássicos da música popular brasileira (Figura 33).

Figura 33 - Medalha em homenagem a Luiz Gonzaga (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Segundo descrição da própria Casa da Moeda, no anverso vemos, em primeiro plano, imagem do homenageado, com sua sanfona. Em segundo plano, notas musicais, uma estrela e imagem estilizada de um mandacaru. Contornando a orla, a legenda “100 anos LUIZ GONZAGA”, acompanhada por três estrelas e pela imagem de um mandacaru fatiado, remetendo ao sol nordestino. No reverso se vê, acima, representação do chapéu do cangaceiro acompanhado da legenda “OBRIGADO CANTOR”, frase de agradecimento dita pelo Papa João Paulo II, após Luiz Gonzaga ter cantado para ele, quando de sua visita a Fortaleza, em 1980. Ao fundo, bandeirolas juninas e a Igreja do Bom Jesus dos Aflitos, em Exu, cidade natal do cantor, o pássaro da famosa música

“Asa Branca” e abaixo a era: 1912 – 2012²⁶. A medalha encontra-se na reserva técnica do museu.

Passemos agora às mulheres representadas nas medalhas deste período. O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher foi criado em 1985, na época vinculado ao Ministério da Justiça, com o objetivo de promover políticas que visassem eliminar a discriminação contra a mulher e assegurar sua participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do país. No ano seguinte, a Casa da Moeda do Brasil emitiria uma medalha em comemoração a esse fato, na qual estão representadas, por alegorias, em seu anverso, mulheres de diversas etnias e no reverso um mapa do Brasil com um símbolo do sexo feminino sobreposto e o nome da instituição (Figura 34). Segundo o texto constante no certificado da respectiva medalha, as figuras femininas estão “representando a trajetória de conquistas à igualdade social e a conscientização da mulher. Ao fundo, estilização de raios solares”. Contudo, é preciso lembrar que as imagens podem ter força maior que as palavras. Àqueles que não tenham acesso a este texto explicativo, o que se observa na imagem são as mulheres de cabelo preso sob uma espécie de turbante, que nos lembram as negras e mestiças escravizadas, tristonhas e cabisbaixas, ao lado de uma mulher de cabelos soltos, altiva e contente. Os raios solares parecem dela emanar, “iluminando” as demais. Esta medalha²⁷ foi utilizada em duas exposições temporárias do museu: *Peça do Mês: Dia Internacional da Mulher*, em 08/03/2013 e *Peça do Mês: Direitos da Mulher*, em março de 2018.

Figura 34 - Medalha Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

²⁶ Medalha em bronze, 50 milímetros de diâmetro, 55 gramas, 150 unidades emitidas, arte de Erika Takeyama. Também foram cunhados exemplares em ouro e prata.

²⁷ Medalha em bronze, 40 milímetros de diâmetro, 30 gramas, arte: Também foram cunhados exemplares em ouro e prata.

A medalha em homenagem à escritora Cecília Meireles, emitida em 1991 também integra a Série Cruzado (Figura 35). No anverso vê-se a efígie de Cecília Meireles, imagem do seu ex-libris e a legenda SÉRIE CRUZADO 1991. No reverso, uma alegoria representando um pequeno leitor e personagens do universo da sua produção literária infantil²⁸. Encontra-se na reserva técnica do museu.

Cecília Meireles (1901-1964) foi poetisa, professora, jornalista e pintora, com mais de 50 obras publicadas. Estreia na literatura com o livro "Espectros", aos 18 anos de idade. Uma das marcas do lirismo de Cecilia Meireles é a musicalidade de seus versos. Alguns de seus poemas, como "Canteiros" e "Motivo", foram musicados pelo cantor Fagner. Em 1939 publicou "Viagem", livro que lhe deu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Estudou literatura, música, folclore e teoria educacional. Colaborou na imprensa carioca escrevendo sobre folclore. Atuou como jornalista em 1930 e 1931, publicando vários artigos sobre os problemas na Educação. Fundou, em 1934, a primeira biblioteca infantil no Rio de Janeiro. Lecionou Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, em 1940.

Figura 35 - Medalha em homenagem a Cecilia Meireles (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

A medalha em homenagem à líder religiosa Mãe Menininha do Gantois tem espaço destacado no Museu Eugênio Teixeira Leal. Ela está exposta no “Espaço Orixás”, onde foram colocadas duas medalhas, sendo possível a visualização do anverso e reverso (Figura 36).

²⁸ Medalha em bronze, 50 milímetros de diâmetro, 55 gramas, 400 unidades cunhadas. Também foram produzidos exemplares em ouro e prata.

Figura 36 – Espaço Orixás – Vitrine Mãe Menininha do Gantois



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Escolástica Maria da Conceição Nazaré, nascida em 1894, foi uma grande líder espiritual, que ajudou a tornar mais aceita a religião herdada de seus ancestrais africanos, que no Brasil se configurou na prática do Candomblé. "Menininha" foi o apelido que a avó deu à menina pobre da periferia de Salvador, Bahia. Sob a orientação das mulheres da família, Menininha foi iniciada nos segredos da religião africana e preparada para ser de ialorixá (mãe-de-santo, na língua ioruba), o que ocorreu com a morte de sua tia-avó, mãe Pulchéria. Em 1924, prestes a completar 30 anos, Menininha mudou-se para o Gantois junto com o marido e a filha mais velha. Na época enfrentou preconceitos e perseguições e teve que se impor com sabedoria. Com o passar do tempo, a popularidade de Mãe Menininha foi crescendo. Nos anos 80, turistas, políticos, artistas e intelectuais a procuravam em busca de conselhos, orientações ou informações para suas pesquisas. Sua aversão à fama não impediu que recebesse diversas homenagens, especialmente de artistas e amigos ilustres. Entre elas, a mais conhecida é a música "Oração a Mãe Menininha", que Dorival Caymmi compôs em 1972²⁹.

Esta medalha foi cunhada apenas em prata, espelhada, com 40 milímetros de diâmetro e 35,1 gramas (Figura 37). Além de permanecer na exposição de longa duração do museu, ela também foi exibida na exposição temporária *Medalhas e Religiões*, de 01/02/2017 a 12/03/2017.

²⁹ Informações obtidas no site Educação UOL, disponível em <https://educacao.uol.com.br/biografias/mae-menininha-do-gantois.htm>, download realizado em 22set2019

Figura 37 – Medalha em homenagem a Mãe Menininha (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

A última homenageada foi a cantora Carmen Miranda, em medalha de 2009, por ocasião dos 100 anos de seu nascimento. No anverso vemos a efígie de Carmen Miranda com seus gestos e adornos exuberantes, peculiares da pequena notável. Ao fundo, à esquerda, estrela simbolizando toda luz e alegria da homenageada, texturada por círculos concêntricos numa alusão aos discos de 78 rpm, abaixo os anos 1909 – 2009 (Figura 38). Na orla superior, à direita, em linhas sinuosas, a legenda 100 ANOS DE NASCIMENTO e na orla inferior, à esquerda, a legenda CARMEN MIRANDA. No reverso, em destaque, à direita, numa composição em linhas simplificadas, temos Carmen Miranda, vestida como uma baiana estilizada, ao microfone. Ao fundo, contorno de Pão de Açúcar envolto com a mesma textura do anverso. Na orla, títulos de algumas músicas mais significativas de sua carreira: *Taí, O que é que a baiana tem?, Uva de caminhão, Boneca de Piche, Recenseamento e Mamãe, eu quero*³⁰.

Esta medalha foi utilizada na exposição temporária *Peça do Mês: Homenagem a Carmem Miranda*, em fevereiro de 2018.

³⁰ Descrição obtida no site do Clube da Medalha do Brasil, disponível em <https://www.clubedamedalha.com.br/100-anos-de-nascimento-de-carmen-miranda-bronze>, download realizado em 22set2019. Medalha cunhada em bronze, 50 milímetros de diâmetro, 55 gramas, 40 unidades, também produzida em ouro e prata, criação e modelagem de Katia Dias.

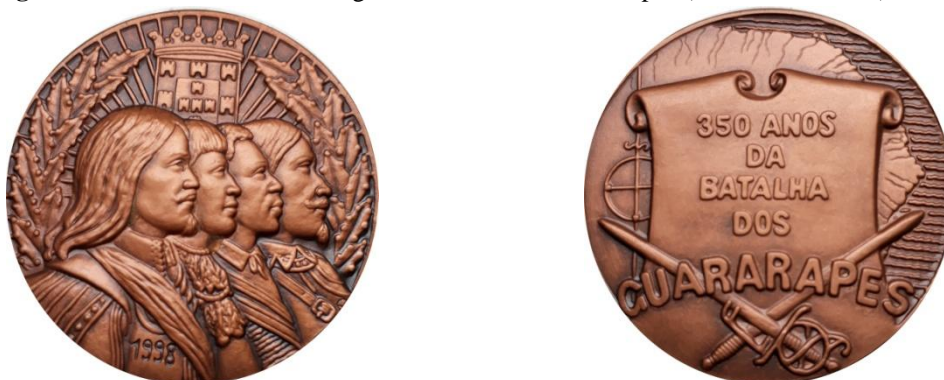
Figura 38 - Medalha em homenagem a Carmen Miranda (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

No que diz respeito aos indígenas, a pouca visibilidade dos mesmos na medalhística nacional permanece neste período. O único representado com algum destaque é Antônio Felipe Camarão, o Poti, capitão-mor dos indígenas, ao lado do mestre de campo Vidal de Negreiros, do governador dos negros Henrique Dias e do mestre de campo Fernandes Vieira, todos heróis na batalha dos Guararapes, ocorrida em 19 de abril de 1648, em Pernambuco, contra os invasores holandeses, fato que é homenageado nesta medalha³¹, emitida em 1998 (Figura 39).

Figura 39 – Medalha em homenagem à Batalha dos Guararapes (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

Nas demais medalhas que veremos a seguir, o índio sempre é uma personagem secundária, ilustrativo dos fatos históricos evidenciados nas mesmas. É o caso da medalha que comemora os 150 anos de navegação a vapor no rio Amazonas (Figura 40), emitida em 1993, na qual vemos, no reverso, indígenas à margem do rio, apreciando e comemorando a passagem do navio.

³¹ Medalha em bronze, diâmetro de 50 milímetros, 75 gramas, 60 unidades produzidas. Também foram cunhadas medalhas em ouro e prata. Arte de Álvaro Martins e Alzira Duim.

Figura 40 - Medalha em homenagem aos 150 anos de navegação a vapor no Rio Amazonas (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

Chegamos, por fim, ao ano 2000, quando foram realizadas inúmeras comemorações em homenagem ao início da colonização portuguesa na América (Descobrimento do Brasil). Como parte dos eventos, a Casa da Moeda do Brasil elaborou um conjunto de cinco grandes medalhas de prata, com 60 milímetros de diâmetro e 168 gramas, lançadas ano a ano, a partir de 1996, cada uma delas ressaltando um aspecto da história nacional: Descobrimento, Economia Colonial, Arquitetura Barroca, Política e Desenvolvimento. Em três destas medalhas, indígenas são representados. Na primeira delas (Figura 41), vemos um índio em destaque, no anverso, em um cenário que representa o território antes da chegada dos europeus. No averso vemos uma caravela portuguesa em destaque, chegando ao Brasil, onde será recebida por indígenas representados em um plano bem inferior à da embarcação. Na segunda medalha (Figura 42) o indígena é apresentado ao lado de um europeu e de um africano, aludindo aos três principais elementos formadores da nossa nacionalidade. No reverso, o território originalmente pertencente aos nativos dividido em faixas de terra, as capitânicas hereditárias, doadas para exploração a fidalgos portugueses. A terceira medalha enfatiza o desenvolvimento (Figura 43). No anverso da mesma vemos em segundo plano um mapa do Brasil, no qual é discretamente representado um indígena na costa litorânea, da qual se aproxima uma caravela.

Figura 41 - Medalha em homenagem aos 500 anos de descobrimento do Brasil - Descobrimento (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

Figura 42 - Medalha em homenagem aos 500 anos de descobrimento do Brasil – Economia Colonial (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

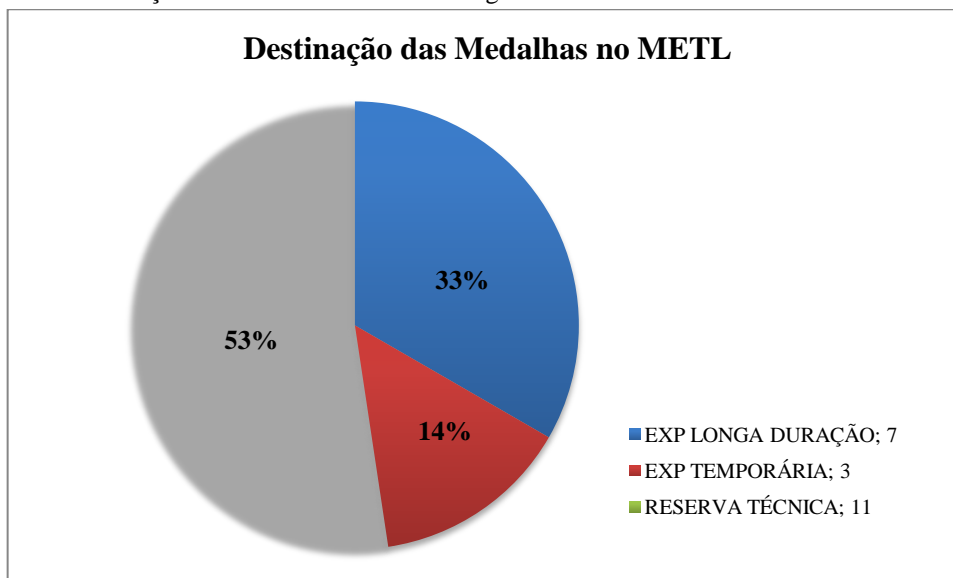
Figura 43 - Medalha em homenagem aos 500 anos de descobrimento do Brasil - Desenvolvimento (anverso e reverso)



Fonte: Acervo João Goulart de Souza Gomes

Analisando a utilização em exposições das 21 medalhas identificadas no museu, chegamos aos seguintes dados: 6 medalhas estão na exposição de longa duração, 3 foram utilizadas em exposições temporárias e 12 se encontram na reserva técnica, não sendo possível identificar se já foram utilizadas em exposições (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Destinação das medalhas no Museu Eugênio Teixeira Leal



Fonte: Elaborado por João Goulart de Souza Gomes, em 2019

Contudo, não é suficiente apenas identificar quais medalhas pertinentes a este estudo fazem parte do acervo do Museu Eugênio Teixeira Leal. Além da destinação que a elas é dada, também é preciso analisar a expografia e o processo de comunicação que é proporcionado às mesmas, sob um enfoque museológico, o que será realizado no capítulo seguinte.

5 EXPOGRAFIA E COMUNICAÇÃO

A exposição possui, intrinsecamente, uma função didática, sendo fundamental a adequada informação a respeito do objeto exposto, bem como a utilização de recursos que despertem percepções sensoriais no visitante, de forma a proporcionar-lhe uma experiência enriquecedora. A própria montagem da exposição deverá contemplar os diferentes níveis de repertório dos visitantes, as diversas faixas etárias, níveis culturais e motivações do diversificado público, de forma atingir a sua função social, contemplando os interesses do maior número possível de visitantes, indistintamente (HERNÁNDEZ, 1994).

No caso das exposições numismáticas, elas não podem ser pensadas apenas sob a ótica de um colecionador ou de um numismata, que a ela já chega com um repertório maior que o de outros visitantes. Ele traz, consigo, conhecimentos sobre contextos históricos e econômicos, gravadores, emissões, metais, cunhagem e outras informações numismáticas. Domina o vocabulário específico da área (*thesaurus*), possui catálogos comerciais e livros específicos, tem o hábito de manusear, em sua coleção pessoal, diversos itens que lhe proporcionam uma experiência cognitiva e sensorial diferenciada.

Por isso, a organização expográfica do museu numismático habitualmente conduz o visitante comum a um aprofundamento, que lhe permita compreender, apreender e refletir sobre este universo novo para ele. Assim, etiquetas e painéis informativos bem elaborados, monitores bem preparados que possam tirar dúvidas e atividades interativas que permitam uma relação sinestésica, podem contribuir imensamente na transmissão da mensagem. Para Francisca Hernández, “la exposición siempre ha sido considerada una de las funciones prioritarias de los museos”³² (HERNÁNDEZ, 1994, p. 140).

As medalhas da exposição de longa duração se encontram dispostas em 26 vitrines (Anexo I) distribuídas no primeiro andar da edificação (Figura 13), conforme pode ser identificado na planta baixa da área de exposição (Anexo II). Possuem iluminação adequada para a boa leitura dos textos que transmitem as informações básicas de cada medalha, quase todas numeradas. Francisca Hernández (1994, p. 145) observa que “cuando los objetos son muy pequeños y se exponen gran cantidad de ellos,

³² A exposição é sempre considerada uma das funções prioritárias dos museus.

es frecuente asociarlos a um número, sistema que no se considera muy eficaz desde el punto de vista de la comunicación”.³³

Mas, ainda que não seja o ideal, o sistema de numeração permite ao visitante uma compreensão básica do semióforo exposto, atendendo a uma necessidade primária, que pode ser aprofundada posteriormente. Em uma exposição com grande quantidade de objetos, como é o nosso caso, ainda se mostra uma alternativa viável.

As medalhas localizadas na reserva técnica estão adequadamente acondicionadas em arquivo próprio. Quanto à documentação, todas as medalhas possuem ficha técnica elaborada, com fotos do anverso e reverso e seus principais dados catalogados em planilha eletrônica, ação fundamental para todo museu, como afirma Ulpiano Meneses (1994, p. 12):

Doutra parte, é a função documental do museu (por via de um acervo, completado por bancos de dados) que garante não só a democratização da experiência e do conhecimento humanos e da fruição diferencial de bens, como, ainda, a possibilidade de fazer com que a mudança - atributo capital de toda realidade humana - deixe de ser um salto do escuro para o vazio e passe a ser inteligível.

Sobre a exposição, Florez (2012, p. 8) nos diz que “além de ser um processo criativo, é um processo que fornece mais informação e enriquece os sentidos das coleções e que tem por tarefa articular ao redor de uma temática, objetos de distintos e contraditórios contextos”. Desde o percurso criado ou sugerido, a disposição dos objetos no espaço físico, os textos explicativos e das etiquetas, a ênfase na iluminação de determinados pontos, os áudios e imagens dos recursos midiáticos tecnológicos até a temperatura ambiente do local, tudo isto pode induzir percepções e sensações no visitante, para a obtenção de determinado resultado. Como observa Ulpiano Meneses (1994, p. 20):

Com efeito, o artefato neutro, asséptico é ilusão, pelas múltiplas malhas de mediações internas e externas que o envolvem, no museu, desde os processos, sistemas e motivos de seleção (na coleta, nas diversificadas utilizações, passando pelos classificações, arranjos combinações e disposições que tecem o exposição, até o caldo de cultura, as expectativas e valores dos visitantes e os referenciais dos meios de comunicação de massa, a doxa e os critérios epistemológicos no moda, sem esquecer aqueles das instituições que atuam no área, etc.etc.

³³ Quando os objetos são muito pequenos e se expõe grande quantidade deles, é frequente associá-los a um número, sistema que não se considera muito eficaz do ponto de vista da comunicação.

As principais dificuldades para o visitante da seção de medalhística do Museu Eugênio Teixeira Leal é a mesma que ocorre na maioria dos demais museus numismáticos:

a) a distância física entre o visitante e a medalha, ainda separados por uma proteção de vidro, o que não favorece a observação de detalhes da peça;

b) a exibição de apenas um lado da medalha, geralmente o anverso, não sendo possível visualizar o reverso e

c) a inadequada iluminação direcional para medalhas de maior importância, o que não contribui para a sua melhor visualização.

Para minimizar ou solucionar tais problemas, os museus costumam buscar soluções alternativas, das quais citaremos algumas delas, constatadas a partir de visitas *in loco* a diversos deles, no Brasil e no exterior. Para o problema da distância, podem ser disponibilizadas lentes de aumento, sejam elas individuais ou afixadas em pedestais próximos às vitrines. Outra opção, caso o museu possua mais de um exemplar da medalha, é disponibilizá-la para manuseio ou, ainda, providenciar réplicas ampliadas das medalhas mais relevantes, em material diferenciado daquele da cunhagem (madeira, plástico, gesso, etc).

Quanto ao problema da exibição dos dois lados da medalha ou moeda, o ideal é a utilização de expositores transparentes (vidro ou acrílico) em formato de coluna, que permitam um giro de 360 graus do visitante em torno das peças, a exemplo dos que eram anteriormente utilizados no primeiro Museu Numismático do Banco Econômico, então localizado na Cidade Baixa, Salvador, Bahia (Figura 44).

Figura 44 – Expositores do Museu do Banco Econômico



Fonte: Acervo do Museu

Na impossibilidade deste recurso, o Museu Eugênio Teixeira Leal atualmente utiliza uma alternativa criativa: os suportes individuais espelhados, que permitem a visualização do reverso da medalha (Figura 45).

Figura 45 – Suporte espelhado



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2019)

Outro recurso, cada vez mais utilizado, é a instalação de totens digitais (monitores) que apresentam a imagem ampliada da peça, podendo a mesma ser girada para visualização de anverso, reverso e borda, complementada por textos de diferentes níveis de aprofundamento das informações, que permitem contemplar os múltiplos interesses dos visitantes. O Museu Paranaense, por exemplo, utiliza deste recurso na sua coleção de moedas romanas.

O problema da iluminação direcional pode ser resolvido com a adequação do sistema elétrico e a aquisição de luzes adequadas para cada vitrine, a depender de qual peça se deseje enfatizar.

Hernández (1994, p. 141) destaca três fatores preponderantes para o sucesso de uma exposição: o efeito produzido pelos objetos expostos; o tratamento da temática da exposição, tanto em sua totalidade como em cada um dos seus elementos e o ordenamento da exposição mediante a aplicação dos conhecimentos museológicos. Fatores como a iluminação, a contextualização dos objetos e, mesmo, a climatização das

salas são fundamentais. Quanto a este último requisito, também há uma carência do museu quanto à climatização, por não possuir um sistema de ar condicionado adequado ao espaço. A ventilação é natural, através de grandes janelas, que não podem ser abertas quando as condições ambientais externas não são favoráveis (chuva, excesso de poluição, barulho, etc.).

Quanto à disposição das medalhas nas 26 vitrines da exposição de longa duração, não há um direcionamento temático ou cronológico autoexplicativo, que permita uma melhor condução autônoma do visitante, sem a necessidade de uma visita monitorada. Nas quatro primeiras vitrines são enfatizados os aspectos artísticos e técnicos da cunhagem das medalhas, que são apresentadas por suas características, sendo colocados lado a lado os mais diversos temas, países e períodos históricos. A seguir, duas vitrines com a temática de Descobridores e Entradas & Bandeiras, remetendo aos séculos XV a XVII. Então, ocorre uma ruptura cronológica e passam a ser enfatizados os temas: religião (Os Profetas, Mãe Menininha, Orixás e Religião Católica, que ocupam quatro vitrines), história (com amplo espectro temático), maçonaria, personalidades, ecologia e esportes. Ao final, uma excessiva ênfase nas medalhas que tratam dos conflitos bélicos (Conquista de Caiena, Guerra Cisplatina, Guerra da Independência, Guerra do Paraguai, Primeira e Segunda Grandes Guerras Mundiais, outras campanhas militares e Tempos de Paz) dispostas em oito vitrines.

Uma reformulação das medalhas expostas poderia levar em consideração, inclusive, as medalhas referentes aos grupos sociais aqui estudados, que se encontram na reserva técnica. Conforme foi demonstrado, apenas sete destas medalhas se encontram na exposição de longa duração e as demais estão na reserva técnica.

A medalha exposta no espaço museal é percebida não apenas pelo seu caráter numismático, mas como elemento da cultura material, carregada de significados que podem ser explorados, compreendidos e interpretados, com a contribuição de outras áreas de conhecimento, como a Arqueologia, a História e a Economia.

Passando a integrar o acervo do museu, a medalha tem a sua genealogia identificada (ou seja, a sua origem, percurso, proprietários anteriores, etc), seus dados técnicos catalogados (peso, dimensão, emissão, metal, gravador, cunhagem, etc), a sua descrição de anverso e reverso registrada e, o mais importante, que conteúdos representa e em que contexto foi produzida. Todas estas informações devem fazer parte da documentação e bancos de dados do museu.

La informatización de las colecciones puede tener diversos objetivos. Uno de ellos, es cubrir las necesidades internas del próprio museo, um segundo trataria de ampliar su acceso y uso al publico y el tercero consistiria em establecer sistemas integrados de información com otros museos³⁴ (HERNANDEZ, 1994, p. 113).

Se são tão poucas as cunhagens de medalhas brasileiras que representam esses grupos sociais, o museu poderia minimizar esta invisibilidade proporcionando uma maior ênfase aos mesmos, destinando vitrines específicas para eles, pois

Os contextos diferenciados dão, portanto, significados e juízos diversos às imagens. O distanciamento no tempo entre o observador, o objeto de observação e o autor do objeto também imprime diferentes entendimentos, uma vez que, como já sublinhei, as leituras são sempre realizadas no presente, em direção ao passado. Isto é, ler uma imagem sempre pressupõe partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente, que, muitas vezes, não existiram ou eram muito diferentes no tempo da produção do objeto, e entre seu ou seus produtores (PAIVA, 2004, p. 21).

Considerando o preconizado pela Museologia Social, é importante que os museus, principalmente os de numismática, procurem contemplar a diversidade cultural dos seus visitantes, de forma que eles possam se sentir representados nas exposições, ainda mais na Bahia, onde as influências indígena e afrobrasileira são preponderantes. As professoras Rita Maia e Thaís Almeida ressaltam que:

Um dos grandes desafios para a Museologia na Bahia é promover um maior reconhecimento dos residentes e turistas ao potencial e ao valor dos museus e espaços musealizados, como locais de referência para o conhecimento da cultura e história dos povos e, acima de tudo, deleite. (SILVA & ALMEIDA, 2016, p. 470)

Ao possibilitar a fruição estética, o museu, através da exposição dos objetos, estimula a percepção sensorial permitindo ao “sujeito comunicar-se com o universo... algo constitutivo do humano na plenitude da condição humana”. Disto decorre “o deleite afetivo, as relações de subjetividade que se estabelecem entre os indivíduos e as coisas e que funcionam, por exemplo, como suportes da memória, marcas identitárias” (MENESES, 2002 p. 17-18). Além da busca de informações pelo visitante neste espaço

O museu é ainda lugar de devaneio, de sonho, de evasão, do imaginário, que são funções psíquicas extremamente importantes para prover equilíbrios, liberar tensões, assumir conflitos, desenvolver capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, projetar o futuro, e assim por diante (MENESES, 2002 p. 17-18).

³⁴ A informatização das coleções pode ter diversos objetivos. Um deles é cobrir as necessidades internas do próprio museu, um segundo trataria de ampliar seu acesso e uso ao público e o terceiro consistiria em estabelecer sistemas integrados de informação com outros museus.

O que diferencia a medalha da maioria dos outros objetos existentes nos museus, inclusive a moeda, é que ela, originalmente, não possui um valor de uso. Não foi confeccionada para ter um objetivo prático na vida comum. “No museu, o telefone e o relógio não se definem mais por seu valor de uso, não mais são artefatos que permitem comunicação à distância ou a marcação do tempo: são artefatos (documentos) que informam sobre tais artefatos utilitários” Meneses (2002, p. 3). Mas a medalha, desde a sua confecção, não possui uma função utilitária, como a grande maioria dos objetos existentes nos museus, ela é um semióforo desde a sua origem, já “nasce” como tal, carregada de signos. O seu formato, o metal em que foi cunhada, a disposição das imagens, as inscrições nela existentes, se submetidas a análises iconográficas e iconológicas têm muito a revelar. Ela representa um “invisível” que nela está expresso:

O invisível é tudo aquilo que está longe do meu espaço, quer esteja acima, quer abaixo (espaço físico, geográfico, social, cultural, espaço do meu tempo, do tempo passado ou futuro, ou, mesmo, do que não está nem no passado nem no futuro, mas na eternidade). Invisível, então, é tudo aquilo que realmente não está associado à minha experiência concreta, direta (MENESES, 1980, p. 11).

Este invisível, retratado na medalha pode ser um fato relevante, um feito histórico, uma personagem destacada, uma instituição ressaltada por sua importância nos segmentos público ou privado, uma cidade que comemora a sua fundação, um ato de proteção ambiental, uma expressão religiosa ou uma conquista esportiva, que podem estar aliados a outras formas de representação textual ou visual, mas sem prescindir da cultura material.

Todavia, a linguagem não é uma condição suficiente da relação de representação entre os objetos e, em geral, os fenômenos, por um lado, e os elementos do mundo invisível, por outro. Para que semelhante relação possa surgir e tornar-se estável, é necessário que qualquer móbil, permanentemente agente, leve os homens a interessar-se por fenômenos que não têm necessariamente para eles uma importância vital e, em particular, para voltar ao caso em questão, que os leve a juntar e a conservar e até a produzir objetos que representem o invisível (POMIAN, 1984, p. 69).

Mesmo não sendo o objetivo deste trabalho analisar a transmissão da mensagem sob a perspectiva do público frequentador do museu, será necessário fazer algumas reflexões, de caráter mais amplo, no que diz respeito a alguns conceitos de comunicação envolvidos neste processo.

Os seres humanos vivem envolvidos em um universo de formas simbólicas, de tal forma que essa interrelação entre ambos dá sentido à sua própria humanidade. Para Daniel Bounoux (1999, p. 49) “poder-se-ia sustentar, com razão, que o homem descende mais do signo do que do símio, e que deve sua humanidade a um certo regime simbólico, ou significante”. Esta mesma opinião é afirmada por Umberto Eco, quando diz:

O homem, disse-se, é um *animal simbólico*, e neste sentido não só a linguagem verbal mas toda a cultura, ritos, as instituições, as relações sociais, o costume, etc., mais não são do que *formas simbólicas* nas quais ele encerra a sua experiência para a tornar intermutável: instaura-se a humanidade quando se instaura a sociedade, mas instaura-se a sociedade quando há comércio de signos. Com o signo o homem destaca-se da percepção bruta, da experiência do *hic et nunc*, e abstrai. Sem *abstração* não existe conceito, embora sem ela nem sequer exista signo (ECO, 1973, p. 127).

Um conceito mais simplificado é expresso Por Umberto Eco, para quem “o signo é usado para transmitir uma informação, para indicar a alguém alguma coisa que um outro conhece e quer que outros também conheçam” (ECO, 1973, p. 25).

No espaço museal, o visitante é este interpretante que, diante da medalha, realizará a sua interpretação pessoal, quer seja ela orientada ou pessoal, atribuindo-lhe um significado, tornando-a signo. A medalha é transmissora de uma mensagem, aqui entendida como “um grupo finito e ordenado de elementos de percepção tirados de um ‘repertório’ e reunidos numa estrutura” (MOLES, 1978, p. 24). Ou seja, quando a medalha é concebida ela passa a portar “uma espécie de vocabulário, de estoque de signos conhecidos e utilizados por um indivíduo” (COELHO NETTO, 2001, p. 123), ela reúne um repertório próprio, que é um conjunto de signos nela registrados, através das suas imagens, textos, formatos e materiais, com um propósito explícito ou implícito. Por sua vez, quando ela é “lida” pelo interpretante (receptor, visitante do museu, homenageado, etc) estes signos serão compreendidos em função do repertório deste indivíduo-leitor, que poderá ter uma amplitude maior ou menor.

Cabe ao museu contribuir para este complexo processo de comunicação, auxiliando ou ampliando o repertório do visitante, através do fornecimento de informações complementares – textuais, imagéticas, audiovisuais, etc. Mas, para tanto, deve ele estar atento ao volume de informação transmitida, pois

quanto maior o repertório de uma mensagem, menor será a sua audiência e vice-versa, isto é, repertório e audiência estão numa proporção inversa um em relação ao outro. Isto significa que uma

mensagem com extenso repertório tende a provocar mais modificações que outra de menor repertório, porém provocará essas mudanças num número menor de receptores, numa audiência mais limitada (COELHO NETTO, 2001, p. 127).

Em se tratando dos museus de numismática esta intensidade do volume de informação deve ser feita com equilíbrio e levando em consideração os diferentes níveis de repertório dos visitantes. Às vezes, há informação insuficiente, por se considerar que o público interessado na exposição já tem algum conhecimento prévio sobre as cédulas, moedas e medalhas ali expostas. O outro extremo é o excesso de informações sobre processos de produção, metais, linhas do tempo extensas, profusão de temáticas, textos longos e recursos visuais que acabam por “competir” com os objetos expostos. Cabe ao museólogo responsável encontrar a medida adequada de informação e a disposição expográfica ideal, para atingir o visitante com o objetivo desejado, previamente estabelecido. No caso específico dos grupos aqui elencados, é importante salientar a observação da historiadora museóloga Cecilia Soares:

Os museus, na sua forma clássica ao atuarem propondo quadros da memória oficial e distanciada dos processos históricos, inclinam-se para a negação dos novos contextos sociais onde os sujeitos não correspondem com exclusividade aos estereótipos socialmente edificados. Postos dessa maneira perdem a oportunidade de estabelecer empatia com o público, provavelmente ávido em se verem naquela modalidade de narrativa histórica (SOARES, 2018, p. 130).

A narrativa expográfica traduz uma memória, o que se deseja que dela seja lembrado ou silenciado e, portanto, deve ser alvo de cuidadoso tratamento, como será visto, mais detalhadamente, no capítulo seguinte.

6 MEDALHÍSTICA, MEMÓRIA E DOMINAÇÃO

Através das suas celebrações, que nada mais são que ritos que reforçam os mitos, o Estado revalida os valores nacionais que deseja serem incorporados pela população, no processo de construção de uma identidade nacional. Essa manipulação da memória atende a interesses de uma ideologia dominante. Para Candau:

Mesmo se, em definitivo, a memória mais vilipendiada, a mais ferida, é sempre a memória íntima, é no domínio dos desígnios nacionais e projetos étnicos que a manipulação memorial é mais frequente. [...] Em alguns casos, a manipulação da memória e os inumeráveis esquecimentos da História apresentam finalidades nacionais ou de etnogênese e objetivam autenticar, essencializar e naturalizar as identidades, como se pode observar por ocasião do conflito na ex-Iugoslávia (2018, p. 167).

Atendendo a este propósito, as medalhas e as moedas emitidas pelas instituições trazem habitualmente em suas faces as personalidades alçadas ao panteão da imortalidade por suas contribuições ao país; os monumentos públicos, marcos de feitos históricos; as celebrações de efemérides que são consideradas importantes, e merecem ser lembradas.

Como observa Pedro Alves Camelo, inicialmente a medalhística se dedicou a perpetuar os fatos e as genealogias, consagrando a memória dos grandes vultos nacionais, rendendo homenagens a personalidades históricas, venerando imagens de apóstolos e grandes santos da cristandade, premiando méritos (CAMELO, 1953). Após este momento, porém, passou a revelar as tradições e os costumes dos povos.

O interesse cultural em se formar um acervo de medalhas está subordinado ao estímulo de se resgatar a sua importância documental, a qual pode ser voltada para a política, cultura, estética, religião, esportes ou outra atividade qualquer que tenha significado para a memória da sociedade (GALLAS, 2016).

Como foi demonstrado através dos resultados da pesquisa realizada, trabalhadores, afrodescendentes, indígenas e mulheres têm, na medalhística, a mesma invisibilidade social constatada em outros segmentos da representação nacional, ainda considerando o significativo aumento de medalhas que os representem, nas últimas cinco décadas. Isto não é uma atitude despropositada. É a triangulação entre o que deve ser lembrado, lembrado e memorizado, e dentro desta concepção as medalhas são objetos que transmitem e reforçam os ideais de um grupo, recorta cenários e

personagens próprios à instrução daquilo que deve ser comemorado. Paul Ricoeur, nos esclarece sobre os objetivos da memória manipulada. Segundo o autor:

De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história comum tidas como os acontecimentos fundadores da identidade comum. O fechamento da narrativa é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade. História ensinada, história aprendida, mas também história celebrada. À memorização forçada somam-se as comemorações convencionadas. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração (RICOEUR, 2007, p. 98).

Quando tratamos da memória histórica na numismática, fica evidenciado como a emissão de medalhas segue interesses estatais³⁵, vinculados à suposta construção de uma ideia de nação, de coletividade comum, que nos uniria também pela diferenciação em relação às outras nações. Falar um mesmo idioma, ter os mesmos símbolos nacionais e uma mesma moeda contribuem para esse processo de construção do que será validado como patrimônio nacional:

Em primeiro lugar, o patrimônio é entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação. Em segundo lugar, aquilo que é determinado como patrimônio é o excepcional, o belo, o exemplar, o que representa a nacionalidade. Uma terceira característica é a criação de instituições patrimoniais, além de uma legislação específica. Criam-se serviços de proteção do patrimônio, como museus, formando uma administração patrimonial (FUNARI & CARVALHO, 2009, p. 14)..

Nas peças numismáticas emitidas pelos governos sempre são evidenciados os interesses do Estado e/ou das elites, através da celebração (neste caso, caracterizada como “homenagem”) às personalidades que ele julga construtoras dessa nação idealizada, ao mesmo tempo em que são relegados ao esquecimento e à invisibilidade todos os fatos ou personagens que não se coadunam com tais interesses. Mário Chagas sintetiza esta relação entre poder e memória ao considerar que:

Ao assentar a lupa sobre o tecido resultante da costura entre memória e poder, o pesquisador coloca-se em condições de compreender a teia de forças que lhe confere sentido. Memória e poder exigem-se. Onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento. O caráter seletivo da memória implica o reconhecimento de sua vulnerabilidade à ação política de eleger, reeleger, subtrair, adicionar, excluir e incluir fragmentos no campo do memorável. A ação política, por seu turno, invoca, com frequência, o concurso da memória, seja para afirmar o

³⁵ O mesmo princípio é válido para a produção de cédulas e moedas.

novo, cuja eclosão dela depende, seja para ancorar no passado, em marcos fundadores especialmente selecionados, a experiência que se desenrola no presente (CHAGAS, 2003, p. 141).

Nas medalhas, frequentemente aparecem os “grandes vultos”: imperadores, presidentes, almirantes, generais, duques e barões. Raramente é representado um herói ou heroína oriundo das classes subalternas, como Benta Pereira de Souza (Figura 11), Maria Quitéria (Figuras 16 e 24), Anna Néri (Figuras 17 e 18), Zumbi dos Palmares (Figuras 25 e 26), Felipe Camarão e Henrique Dias (Figura 39). E como não bastasse a baixa emissão de medalhas com tais personagens, as poucas existentes acabam invisibilizadas nas sessões e museus numismáticos, esquecidas nas reservas técnicas. Acervos formados e expostos em alinhamento com esses interesses do *establishment*³⁶.

Podemos ver esse discurso analisado por John B. Thompson (2011), quando caracteriza os vários modos de operação da *Ideologia*, que ele propõe assim conceitualizar:

...em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas (THOMPSON, 2011, p. 79).

Por *formas simbólicas*, Thompson ainda entende “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos”. Estas formas simbólicas podem ser linguísticas ou não-linguísticas, a exemplo de uma imagem visual ou uma composição de imagens e palavras, como é o caso das medalhas. Quando observamos o aspecto contextual das formas simbólicas, vemos que elas estão sempre inseridas em contextos e processos socialmente estruturados, ou seja, “que existem diferenciações sistemáticas em termos da distribuição ou do acesso a recursos de vários tipos”, o que conseqüentemente levará a diferentes graus de *poder*, caracterizado como a capacidade a eles conferida para “tomar decisões, conseguir seus objetivos e realizar seus interesses” (2011, p. 79). A *dominação* passa a ocorrer quando

³⁶ O termo inglês *establishment* refere-se à ordem ideológica, econômica e política que constitui uma sociedade ou um Estado, segundo Philip H. Burch Jr, em *The American establishment: Its historical development and major economic components*. Já para Mattéi Dogan, em *Elite configurations at the apex of power* designa uma elite social, econômica e política que exerce forte controle sobre o conjunto da sociedade, funcionando como base dos poderes estabelecidos. O termo se estende às instituições controladas pelas classes dominantes, que decidem ou cujos interesses influem fortemente sobre decisões políticas, econômicas, culturais, etc., e que, portanto, controlam, no seu próprio interesse e segundo suas próprias concepções, as principais organizações públicas e privadas de um país.

...relações estabelecidas de poder são ‘sistematicamente assimétricas’, isto é, quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito (THOMPSON, 2011, p. 80).

Ao reconhecermos as medalhas como formas simbólicas e analisarmos a sua emissão por parte dos agentes públicos responsáveis por essa função e pela definição dos temas abordados nas mesmas, percebemos que a invisibilidade dos grupos sociais aqui estudados, constatada na pesquisa, é justamente esta relação assimétrica de poder, na qual um conjunto de agentes, ocupantes das posições estratégicas decisórias do Estado (dominantes), busca reconhecer e homenagear majoritariamente os próprios integrantes deste conjunto, mantendo inacessível a outros componentes desta mesma sociedade – mulheres, afrodescendentes, indígenas e trabalhadores, no nosso caso – a visibilidade devida, num evidente processo de exclusão (dominados). Esta invisibilidade é ainda mais reafirmada quando os museus não utilizam nas suas exposições as poucas medalhas que retratam tais grupos sociais.

As formas simbólicas em contextos estruturados podem ser compreendidas como fenômenos culturais, cuja análise deve levar em consideração “contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas” (THOMPSON, 2011, p. 181). Tais formas simbólicas possuem cinco características, que serão correlacionadas com a emissão e exposição das medalhas.

A primeira característica é a intencional, ou seja:

...as formas simbólicas são expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos) [...] são produzidas, construídas e empregadas por um sujeito que, ao produzir e empregar tais formas, está buscando certos objetivos e propósitos e tentando expressar aquilo que ele ‘quer dizer’ ou ‘tenciona’ nas e pelas formas assim produzidas (THOMPSON, 2011, p. 183).

Contudo, também se deve levar em consideração que o significado, ou seja, a mensagem transmitida pela forma simbólica, nem sempre corresponde ao que o sujeito-produtor realmente quis dizer, como é o caso da medalha ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (Figura 34). No caso das medalhas vemos que, em sua grande maioria, elas são produzidas por determinadas instituições, geralmente dos poderes públicos, com a clara intenção de reconhecer fatos ou personalidades que tenham alinhamento com os interesses governamentais. Há uma intenção lógica e proposital na

produção das mesmas, que devem afirmar os valores culturais adotados por estas estruturas. O mesmo podemos dizer da exposição das medalhas nos museus. A sua escolha, disposição e evidência, ou não, por si só já dão conta da visão compartilhada pelos seus mantenedores e administradores.

A segunda característica é o aspecto convencional, quer dizer:

...a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos (THOMPSON, 2011, p. 185).

Quanto à iconografia, a produção de medalhas segue regras, códigos e convenções estabelecidas há alguns séculos, seguidas até a atualidade, à exceção daquelas que envolvem os métodos de cunhagem, que foram aprimorados ao longo do tempo. Podemos citar, por exemplo, os dois lados da medalha. O averso é considerado mais importante que o reverso, devendo nele aparecer a homenagem principal e no reverso as informações complementares. O sentido da cunhagem na medalha segue um padrão de imagens sempre no sentido norte/sul nos dois lados, enquanto na moeda o sentido é inverso (averso norte/sul e reverso sul/norte). Medalhas cunhadas em diversos países, a exemplo daquelas produzidas pela Casa da Moeda do Brasil, têm a sua numeração inscrita na borda, o que serve de controle e prevenção a falsificações. Também o metal no qual é cunhada a moeda influencia na sua divulgação, por isso são comumente cunhas em bronze, prata e ouro (quando possível), possibilitando a sua distribuição ou compra por diferentes classes socioeconômicas. As de metais mais nobres (ouro ou prata) são habitualmente adquiridas ou ofertadas para as classes mais privilegiadas e as de bronze para as classes mais populares.

No que diz respeito à iconologia, é necessário observar quais imagens aparecem em primeiro plano na medalha, que tem maior importância, e quais delas estão em segundo plano, bem como estas imagens estão representadas (frente, perfil, costas). Tomemos como exemplo uma medalha cunhada em homenagem à Princesa Isabel e à Abolição da Escravatura, produzida para a série *Ouro Preto Collection* (Figura 46). No averso vemos a efígie da Princesa Isabel e no reverso uma alegoria com grilhões partidos, representando a Liberdade. A homenagem não é feita à luta dos negros escravizados pela liberdade, nem aos movimentos abolicionistas, mas sim à integrante da família real brasileira, que aparece no lado mais destacado da medalha.

Figura 46 – Medalha em homenagem à Princesa Isabel - Abolição da Escravatura (anverso e reverso)



Fonte: Acervo do METL

A terceira característica das formas simbólicas é o aspecto estrutural, que significa que “as formas simbólicas são construções que exibem uma estrutura articulada”, ou seja, “de elementos que se colocam em determinadas relações uns com os outros” (2011, p. 187). Ao analisarmos os traços estruturais de uma imagem é possível elucidar um significado que é elaborado a partir destes traços e transmitido, por vezes implicitamente, aos observadores. Esta situação é vista na já citada medalha em homenagem a Monteiro Lobato (Figura 21), na qual a Tia Nastácia é vista em condição subalterna. Tia Nastácia é mais uma das representações literárias do mito da “Mãe Preta”. Sandra Roncador, doutora em Literatura Comparada, afirma que:

Negação tanto de sua raça quanto de seu gênero sexual, a mãe-preta é o contraponto domesticado, dócil desses dois “temíveis” estereótipos. Geralmente velha, corpulenta, supersticiosa, e fervorosamente católica, a mãe-preta não despertava qualquer perigo de degradação moral da família através da cópula com o senhor ou “sinhôzinho” brancos; além disso, sua índole fiel, mais devota às demandas da casa-grande que aos interesses da própria senzala, distanciava-a igualmente da figura do escravo revoltado, e vingativo (RONCADOR, 2008, p. 131).

O racismo de Monteiro Lobato é notório. Ele foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo. “Eugenia” é um termo criado pelo cientista Francis Galton (1822-1911) - que a definiu como "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente" - adotada pela Alemanha nazista para validar as suas concepções de superioridade racial. O pesquisador de mitologias e narrativas africanas Ale Santos, em artigo para o blog

*MUITOinteressante*³⁷ informa que recentemente foram reveladas cartas em que Lobato fazia elogios à Ku Klux Klan (KKK), a seita supremacista que assassinava negros e incendiava cruzeiros nos Estados Unidos. Teria escrito Lobato, sobre o Brasil, em uma carta: “País de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é país perdido para altos destinos”. Ale Santos destaca ainda que “No livro ‘Caçadas de Pedrinho’ (1933) Tia Nastácia é tratada por nomes como ‘macaca de carvão’, ‘carne preta’, ‘beijuda’ e várias outros insultos de cunho racial”. As mesmas observações são feitas pela historiadora Lucilene Reginaldo, da UNICAMP. Em seu artigo “Obra infantil de Monteiro Lobato é tão racista quanto o autor”³⁸, publicado pela Folha de São Paulo, em 10 de fevereiro de 2019, a historiadora comenta, após ler o livro ‘Caçadas de Pedrinho’:

Não encasquei apenas com a frase “Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima”. Tia Nastácia era sempre a “bola da vez”: ingênua, simplória, medrosa, serviçal e alvo de racismo e discriminações explícitas. Tudo em perfeita consonância com a hierarquia racial: na base da pirâmide, a mulher negra (REGINALDO, 2019).

Como quarta característica das formas simbólicas temos o aspecto referencial que, como indica, “são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa” (THOMPSON, 2011, p. 190). Aqui podemos citar o caso das medalhas que apresentam indígenas. Em apenas uma delas um índio real é apresentado, Filipe Camarão, na medalha em homenagem à Batalha de Guararapes (Figura 39). Em todas as demais, eles são representados por imagens genéricas de indígenas, que adquirem uma especificidade referencial, ou seja, “que, em uma dada ocasião de uso, uma figura ou expressão particular refere-se a um específico objeto ou objetos, indivíduo ou indivíduos, situação ou situações” (2011, p. 190). De todos os grupos sociais estudados, os indígenas continuarão sendo os mais ignorados na medalhística nacional. Exterminados, escravizados, religiosamente convertidos, limitados em seus direitos e repetidamente invisibilizados:

³⁷ Blog MUITOinteressante, disponível em http://www.muitointeressante.com.br/blog/impacto-do-racismo-de-monteiro-lobato-sob-uma-visao-historica-e-pessoal?fbclid=IwAR2WnlQkL14E329tTJ751bqWzGiC4mDBOCVFzVqO_n_P2j2k_nLifalFdU. Download realizado em 21set2019.

³⁸ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/02/obra-infantil-de-monteiro-lobato-e-tao-racista-quanto-o-autor-afirma-autora.shtml?fbclid=IwAR1Lt2mgaIPvbm6Fph4kY2yQNNUXjcupMbVqPnV_NX0heB3fLQC3qXFwfAk. Download realizado em 21set2019

Estima-se que, na época da chegada de Cabral, houvesse entre 3 milhões e 4 milhões de indígenas no Brasil, distribuídos em centenas de tribos. Falavam mais de mil línguas e representavam uma das maiores diversidades culturais e linguísticas do mundo. Três séculos depois, em 1808, ano da chegada da corte portuguesa de dom João ao Rio de Janeiro, a população brasileira era ainda de cerca de 3 milhões de habitantes, número semelhante ao de 1500, mas a composição havia se alterado drasticamente. [...] Os indígenas, por sua vez, tinham sido vítimas de uma calamidade demográfica: estavam reduzidos a cerca de 700 mil, aproximadamente 20% do seu contingente original. Em média, durante o período colonial, o Brasil exterminou 1 milhão de índios a cada 100 anos (GOMES, 2019, p. 118).

Contraditoriamente, a mesma ditadura que produziu a primeira medalha em homenagem aos indígenas (Figura 26) foi responsável pelos maiores crimes contra tais populações, no século XX.

O mais importante documento de denúncia sobre esses crimes – o Relatório Figueiredo – foi produzido pelo próprio Estado, em 1967, e ficou desaparecido durante 44 anos, sob a alegação oficial de que havia sido destruído num incêndio. [...] O resultado é estarrecedor: matanças de tribos inteiras, torturas e toda sorte de crueldades foram cometidas contra indígenas brasileiros por proprietários de terras e por agentes do Estado. [...] Os índios estavam posicionados entre os militares e a realização do projeto estratégico de ocupação do território brasileiro concebido pelo Ipes³⁹ e pela ESG⁴⁰, e pagaram um preço alto demais por isso (SCHWARCZ, 2015, p. 463).

A quinta e última característica das formas simbólicas é a contextual.

Isto significa, como indiquei anteriormente, que as formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas (THOMPSON, 2011, p. 192).

No caso específico do estudo aqui realizado, isto está bem exemplificado no Gráfico 4 - Medalhas encontradas no Museu Eugênio Teixeira Leal, por período, e nas análises realizadas no capítulo 4 – Classificação e Análise das Medalhas do Museu Eugênio Teixeira Leal, quando as mesmas foram agrupadas e contextualizadas de acordo com os períodos históricos brasileiros. Contudo, Thompson afirma que “o modo como uma forma simbólica particular é compreendida por indivíduos pode depender dos recursos e capacidades que eles são aptos a empregar no processo de interpretá-la” (2011, p. 193), daí a relevância da sua adequada exposição nos museus, conforme visto

³⁹ Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, organização criada por um grupo de empresários, em 1960, que contribuiu para o Golpe Militar de 1964.

⁴⁰ Escola Superior de Guerra.

no capítulo citado, atentos para o fato de o museu deter apenas parte do processo de comunicação, já que

O processo de recepção não é um processo passivo de assimilação; ao contrário, é um processo criativo de interpretação e avaliação no qual o significado das formas simbólicas é ativamente constituído e reconstituído. Os indivíduos não absorvem passivamente formas simbólicas mas, ativamente e criativamente, dão-lhes sentido e, por isso, produzem um significado no próprio processo de recepção (THOMPSON, 2011, p. 201).

O processo de reprodução simbólica dos contextos sociais é justamente uma constituição e reconstituição de significado pelo indivíduo, ao receber e interpretar as formas simbólicas (p. 202). Isto remeterá ao “estudo dos modos pelos quais o significado mobilizado pelas formas simbólicas serve, em circunstâncias específicas, para estabelecer, manter e reproduzir relações sociais que são, sistematicamente, assimétricas em termos de poder” ou seja, a manutenção e perpetuação de uma ideologia dominante (p. 203). Thompson identifica cinco modos de operação – dentre outros possíveis - através dos quais a ideologia dominante opera para sustentar as relações de dominação: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, cada um deles com suas estratégias típicas de construção simbólica (p. 80). Passemos a exemplificar como estas estratégias podem ser aplicadas no caso da produção e exposição das medalhas nos museus, através de alguns exemplos.

O primeiro modo é a *legitimação*, o apoio a determinadas formas simbólicas consideradas como justas e dignas de apoio, e que tem três estratégias: a *racionalização*, a *universalização* e a *narrativização*. Na racionalização, “o produtor da forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência”. Na universalização, “acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos”, e que estariam abertos a todos que tenham habilidade ou tendência para atingi-los. Por fim, a narrativização, a “inserção em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável. Muitas dessas tradições são “inventadas”, para criar um sentido de pertencimento a determinada comunidade “e uma história que transcende a experiência do conflito, da diferença e da divisão” (2011, p. 82-83). Formas simbólicas são, então, produzidas, para estabelecer e sustentar relações de poder. A representação de personalidades célebres, selecionadas pelo poder dominante, para terem suas efígies representadas nas medalhas é um claro exemplo desse processo de legitimação. A

narrativa construída é a de que determinadas pessoas selecionadas deram uma contribuição diferenciada à nação, alçando-as à categoria de verdadeiros heróis, a exemplo da medalha Batalha de Guararapes (Figura 39).

O segundo modo é a *dissimulação*, na qual

Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes (2011, p. 83).

Na dissimulação são identificadas três estratégias. No *deslocamento*, “um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas”. Quando trabalhadores são representados no reverso da medalha em homenagem a Getúlio Vargas (Figura 12), constatamos a tentativa de associar o perfil daquele ditador a este grupo social menos favorecido, que ele procurava controlar, quando no poder. Já na *eufemização* “ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valorização positiva”. É o que verificamos no processo de “embranquecimento” da imagem de Machado de Assis (Figuras 13 a 15 e 31), promovida pela antiga elite cultural brasileira, diante da sua dificuldade de aceitar que um dos escritores mais prestigiados, nacional e internacionalmente, fosse um afrodescendente. Quanto ao *tropo*, diz respeito ao uso figurativo da linguagem. Por exemplo, no reverso da medalha de Monteiro Lobato, acima da cena em que vemos a representação de Tia Nastácia servindo às demais personagens do Sítio do Picapau Amarelo, lemos a frase: “Semeando para um Brasil melhor” e no reverso da medalha Carmen Miranda (Figura 38) lemos os títulos de alguns dos seus grandes sucessos musicais, dentre eles “O que é que a baiana tem”, personagem estilizada que consagrou a imagem da cantora lusobrasileira, internacionalmente (2011, p. 85).

O terceiro *modus operandi* da ideologia é a *unificação*, a estratégia de construir “uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças e divisões que possam separá-los”. Isto é realizado através da *padronização* e da *simbolização da unidade*. Os esforços para a construção de uma identidade nacional, no Brasil, passaram e passam por estas estratégias. A padronização do português como a língua nacional, por exemplo, levou à extinção de centenas de idiomas indígenas. A simbolização da unidade é expressa por hinos, bandeiras, brasões e moeda única que tentam promover um sentimento de união e identificação entre os

brasileiros das mais diversas regiões do país, mas “ao unir indivíduos de uma maneira que suprima as diferenças e divisões, a simbolização da unidade pode servir, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação” (2011, p. 86). A medalhística brasileira, desde as suas origens, também tem sido um instrumento para a simbolização desta unidade. Os fatos históricos relevantes nela representados tem o propósito de celebrar conquistas e feitos que pertencem à cultura nacional, que tem a pretensão de serem louvados e compartilhados por todos os brasileiros, independentes da sua origem, etnia ou condição social, a exemplo daquelas que comemoram os 500 anos de Descobrimento do Brasil (Figuras 41 a 43).

A *fragmentação* é o quarto modo de operação da ideologia, que é oposto da unificação. Através dela os grupos dominantes tentam segmentar, dividir, fragilizar os indivíduos ou grupos que possam ameaçar o seu poder, ou transformar esses grupos em ameaças potenciais à coletividade. Para tanto são utilizadas duas estratégias. A primeira delas é a *diferenciação*, que busca enfatizar as distinções entre pessoas ou grupos “apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder” (por exemplo: nordestinos x sulistas; brancos x negros; umbandistas x evangélicos, etc). A segunda estratégia é o expurgo do outro, que “envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo”, por exemplo, “a ameaça vermelha”, caracterizada por socialistas e comunistas. (2011, p. 87).

O último modo de operação da ideologia é a *reificação*, através da qual “relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal”, ou seja “a eliminação, ou a ofuscação, do caráter sócio-histórico dos fenômenos”. Para tanto, são utilizadas como estratégias a *naturalização*, que é tratar como natural um fenômeno que surge de uma criação social ou histórica, menosprezando a sua importância; a *eternalização*, que é o esvaziamento do caráter histórico de determinados fenômenos, apresentando-os como recorrentes e a *nominalização* ou *passivização*, na qual se esvazia da narrativa os seus atores, apresentando os processos sem a existência de um indivíduo que os tenham produzidos (2011, p. 88).

Os dois últimos modos citados – fragmentação e reificação – podem ser percebidos na medalhística com a invisibilização dos grupos sociais aqui estudados e com o proposital “esquecimento” de personalidades as quais não se deseja perpetuar a

memória (por exemplo, o índio Tibiriçá, Clara Camarão, Frei Caneca) ou de fatos que se deseja serem eliminados da história (como os genocídios promovidos na Guerra do Paraguai, na Guerra de Canudos e na Ditadura Militar).

Assim como as demais formas simbólicas produzidas pelo poder dominante, seja ele público ou privado, também as medalhas sofrem com esta manipulação ideológica que alterna lembranças, comemorações e propositalmente esquecimentos. Da mesma forma, os museus são habitualmente, ao longo da história, utilizados como “portavozes” dessas mesmas estruturas de poder, seja pela apresentação de temas e objetos de seus interesses, ou o inverso, pela “ocultação” dos semióforos indesejáveis em suas reservas técnicas, *ad eternum*. Por fim, compreendemos, como Thompson, que “interpretar a ideologia é explicitar a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que este sentido ajuda a estabelecer e sustentar” (2011, p. 379).

E são os museus que nos proporcionam este reencontro com o universo das medalhas históricas, proporcionando um percurso histórico no qual podemos perceber as representações e transformações da sociedade ao longo das décadas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início havia uma pergunta, que já trazia em seu interior uma resposta. Assim como em vários outros instrumentos de registro da cultura material, não era difícil imaginar que os grupos sociais aqui apresentados fossem bem pouco representados na medalhística nacional. Mas, o estudo acadêmico não pode se valer de “achismos”. É preciso, metodologicamente, de forma qualitativa e/ou quantitativa, afirmar (ou negar) a hipótese inicial. Foi a esse propósito que nos dedicamos neste trabalho.

A partir do questionamento original que deu origem a esta dissertação, outros foram surgindo. A pesquisa realizada no acervo medalhístico do Museu Eugênio Teixeira Leal e na bibliografia numismática, contribuíram para a resposta daqueles questionamentos iniciais. Procurava-se entender se foram poucas as medalhas tendo como personagens centrais os afrodescendentes, indígenas, mulheres e trabalhadores, ou se apenas os museus não as expunham. Precisávamos saber se o próprio acervo do museu escolhido para a pesquisa era suficientemente confiável ou não, o que levou à confirmação junto a outras fontes. A seguir, surgiram as questões pertinentes à expografia, buscando identificar se tais medalhas, adquiridas pelo museu em foco, faziam parte das suas exposições ou não. E, mesmo, quando faziam, de que forma, e se a comunicação sobre as mesmas, para o público é adequada.

Concluídas estas análises, fomos despertados para as questões sobre a relação entre memória e poder, sobre manipulação ideológica e o *modus operandi* da ideologia dominante, nos mais diversos períodos históricos, das mais diversas tendências.

O que teve início como uma pesquisa restrita ao âmbito da numismática, acabou por evidenciar questões mais profundas, relacionadas às formas simbólicas e à sua utilização, de acordo com os interesses de determinados grupos. As análises nos levaram a perceber como, mesmo em algo aparentemente desprezado de outras intenções - que não apenas homenagear celebridades ou comemorar efemérides - como a produção de medalhas históricas, está indelevelmente presente uma proposital “invisibilização” de personagens ou fatos que não são de interesse do *status quo*.

Por sua vez, os resultados de pesquisas, como os aqui apresentados, contribuem para outros estudos e para ampliar o conhecimento acerca da numismática, mais especificamente a medalhística e a medalofilia, que mesmo tratando de objetos do passado, deve ser vista com os olhos do presente. É de uma necessidade premente que

os medalofilistas e demais numismatas, cada vez mais vejam esses itens colecionáveis (medalhas, moedas, cédulas, etc.) não apenas pelo seu valor estabelecido nos catálogos comerciais, mas como importantes artefatos representantes da nossa história e da nossa cultura, repletos de segredos, conhecimentos e aprendizados a serem apreendidos e revelados, que precisam ser continuamente redescobertos e reinterpretados, com o olhar do presente, como afirma Ulpiano Meneses:

O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc.etc. desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários ou simbólicos. No entanto, imerso na nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções ou institucionalizado no museu, o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido. Assim, por exemplo, todo eventual valor de uso subsistente converte-se em valor cognitivo o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legitima. Longe, pois, de representar a sobrevivência, ainda que fragmentada, de uma certa ordem tradicional, é do presente, indica Jean Baudrillard, que ele tira sua existência. E é do presente que deriva sua ambiguidade (MENESES, 1994, p. 19).

Ao final da pesquisa, constatamos que o Museu Eugênio Teixeira Leal não deixou de inserir, em seu acervo, as ainda que poucas medalhas que representam as classes estudadas neste trabalho, exibindo-as nas exposições, seja a de longa duração ou as temporárias. A realidade é que os poderes instituídos pouco se preocuparam em representar condignamente essas classes em sua produção medalhística, é deles que provem a invisibilidade aqui comprovada.

Não podemos deixar de observar que, mesmo possuindo uma das mais importantes coleções de medalhas brasileiras, o Museu Eugênio Teixeira Leal carece de atualizações para que a sua expografia provoque novas inquietações e indagações sobre a criticidade das representações, das imagens, das personagens históricas e dos cenários e ideais ali reproduzidos.

O redimensionamento, exibição e atualização das informações, constituem uma oportunidade de contribuir para a desconstrução dos ideais de homogeneidade identitária, revelando as desigualdades e a conseqüente invisibilidade social que caracterizam os grupos minoritários representados nesses objetos, a saber: trabalhadores, mulheres, afrodescendentes e índios. A excessiva ênfase de vitrines dedicadas aos conflitos bélicos, permeadas de medalhas que representam vitórias

celebradas, mas nem sempre honrosas, como a Guerra do Paraguai, podem ceder espaço a outros temas, mais urgentes e condizentes com as necessidades da sociedade contemporânea, tão vilipendiada em seus direitos fundamentais, onde as mulheres são vítimas da misoginia; os negros continuam discriminados; os indígenas acusados de primitivos e os trabalhadores surrupitados das conquistas que levaram tanto tempo a auferir.

Como demonstrado nesta pesquisa, na qual elegemos a medalha como centro da nossa análise, o espaço museal, seja ele qual for, está pleno de riquezas a serem descobertas ou redescobertas, por aqueles que desejarem se lançar nessa inenarrável aventura em busca de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Amélia Machado Velho Cavalcanti de (Viscondessa de Cavalcanti). *O Catalogo das Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brazil*. 2. ed. aumentada e ilustrada. Paris: Autor, 1910.

AMATO, Cláudio. *Livro das Medalhas do Brasil*. São Paulo: Artgraph, 2014.

_____. *Livro das Medalhas do Brasil – Edição Complementar*. São Paulo: Artgraph, 2017.

BARROS, José D'Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História*. Petrópolis: Vozes, 2015.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BLOOM, Harold. *Gênio*. Rio de Janeiro; Objetiva, 2003.

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMELO, Pedro Alves. *Da medalha*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1953.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.

CHAGAS, Mário. Memória política e política da memória In *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2006.

COELHO NETTO, J. TEIXEIRA. *Semiótica, informação e comunicação*. Perspectiva: São Paulo, 2001.

COIMBRA, Álvaro da Veiga. *Noções de Numismática - I. Numismática Geral*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1957.

_____. Noções de Numismática VIII. In: *Revista de História da USP*, vol. 15, n. 32, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1957. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/view/7993>. Acesso em: 27 mar. 2019.

_____. Noções de Numismática – Medalhística. In: *Revista de História da USP*, vol. 22, n. 45. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1961. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/120202>. Acesso em: 27 mar. 2019.

_____. Noções de Numismática – Medalhística II. In: *Revista de História da USP*, vol. 22, n. 46. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1961. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/120371>. Acesso em: 27 mar. 2019.

_____. Noções de Numismática – Medalhística III. In: *Revista de História da USP*, vol. 23, n. 47. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1961. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/121521>. Acesso em: 27 mar. 2019.

COSTA, Antonio Luiz M. C. *História do Dinheiro*, vol. I. São Paulo: Editora Draco, 2018.

COSTA, Evanise Pascoa. *Princípios básicos da museologia*. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus / Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Patrimônio Histórico e Cidadania: uma discussão necessária. In CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1991.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Editor). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo / SP: Pinacoteca; Secretaria de Estado da Cultura; Governo do Estado de São Paulo, 2013.

ECO, Umberto. *O signo*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

FLORES, Joana. *Mulheres negras e museus de Salvador: diálogo em branco e preto*. Salvador: Halley Gráfica e Editora, 2017.

FLOREZ, Lilian Mariela Suescun. SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. O exercício de expor nos museus, uma constante prática da experimentação. In: *Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)*. Salvador,

Bahia, 2012. Disponível em:

<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3921/3044>. Acesso em: 27 mar. 2019

FUNARI, Pedro Paulo. CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura Material e Patrimônio Científico: Discussões Atuais. In: *Cultura Material e Patrimônio de C&T*. GRANATO, Marcus (Org.); RANGEL, M. F. (Org.). Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. v. 1. 372p. Disponível em:

<http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/2%20ARTIGO%20Pedro%20Paulo%20Funari.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2019

GALLAS, Alfredo O. G; GALLAS, Fernanda Disperati. *Medalhas contam detalhes da História do Brasil*. São Paulo: Ed. do Autor, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolgo (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, João Goulart de Souza. A invisibilidade da mulher na medalhística brasileira. In: *REVISTA UNAN*, Ano III, número 17, Marzo-Abril/2017.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, vol. 1*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GONÇALVES, Cleber Baptista. *Casa da Moeda do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 1989.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A defesa da profissão museológica. in *Textos e contextos de uma trajetória profissional*. Coordenação editorial: Maria Cristina Oliveira Bruno. V.1. Parte 3

_____ *Museu, Museologia, Museólogos e Formação*. Revista Museu. v. 1., p. 7, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. *Manual de la museologia*. Madrid: Editorial Síntesis, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan-abr. 2011.

LOURENÇO, M. C. F. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

MALDONADO, Rodrigo. *Moedas brasileiras*. Itália: MBA Editori, 2018.

MEILI, Julius. *O meio circulante no Brasil Parte III: A moeda fiduciária no Brasil de 1771 a 1900*. Brasília: Senado Federal, 2005.

_____. *Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen 1822 bis 1889*. Berna: Autor, 1890.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. In: *Revista de História da USP*, vol. 115. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1983. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796/0>. Acesso em: 27 mar. 2019.

_____. *O museu e o problema do conhecimento*. In: IV Seminário sobre Museus-casas: Pesquisa e documentação, 2002, Rio de Janeiro. *Anais do IV Seminário sobre Museus-casas: Pesquisa e documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000, p. 17-48. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/AnaisMuseus-Casas_IV/FCRB_AnaisMuseusCasasIV_UlpianoBezerraMeneses.pdf. Acesso em: 8 out. 2019.

_____. *O objeto material como documento*. Aula ministrada no curso Patrimônio cultural: políticas e perspectivas, organizado pelo IAB/CONDEPHAAT. 1980. Disponível para download em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404484/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20O%20objeto%20material%20como%20documento.pdf. Acesso em: 8 out. 2019.

_____. *Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico*. In: Revista de História da USP, vol. 2, n. 1, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>. Acesso em: 11 out. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLES, Abraham. *Teoría de los objetos*. Madrid: Editorial Gustavo Grill S.A., 1974.

_____. *Teoria da Informação e Percepção Estética*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1978.

MOUTINHO, Mário C. *Definição de Sociomuseologia*. Disponível em:

<http://redemuseusmemoriaemovimentossociais.blogspot.com.br/2010/08/definicao-de-sociomuseologia-mario.html>. Acesso em: 24 nov. 2017

MUSEU DE NUMISMÁTICA DO BANCO ECONÔMICO S/A. *Medalhas do Brasil-República Catálogo-Inventário, tomos I e II*. Salvador: Gráfica do BESA, 1974.

NEGRO, Antonio Luigi & SILVA, Fernando Teixeira. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964) In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, o tempo da experiência democrática* vol. 3, 8ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. São Paulo: Editora Autêntica, 2007.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

PANOFSKY, Erwin. *Significados nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

POMIAN, Krzysztof, Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

_____. *Historia Cultural, historia de los semióforos*. Xalapa: Al Fin Liebre Ediciones Digitales, 2010. Disponível em: www.alfinliebre.blogspot.com. Acesso em 26 mar. 2019.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidade e a História Natural In FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

PROBER, Kurt. *Catálogo das Medalhas da República*. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti, 1965.

REVISTA DO INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA, Edição Comemorativa, 60 anos, nº 22, ano 2005. Disponível em:
<http://www.cbg.org.br/novo/colégio/historia/galeria-socios/renato-berbert-de-castro/>.
Acesso em: em 23 nov. 2017.

RONCADOR, Sandra. *O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural* In Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 129-152.

SCHWARCZ, Lília M. & STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Rita de Cassia Maia & ALMEIDA, Thaís Gualberto de. Fluxos comunicacionais em processos museológicos: a imagem-identidade de um museu e seus territórios de interação In ANDIÓN, Margarita Ledo; ROMAY, Emma Torres; ARAÚJO, José Rúas; FREIRE, Francisco Campos (Org.). *Anais do XI Congreso LUSOCOM 2014*, Tomo I. Santiago de Compostela: Asociación Galega de Investigadores e Investigadoras en Comunicación, 2016, p. 459 a 470.

SOARES, Cecilia Conceição Moreira. Espaços museais, memória afro, identidade, territorialidade. In MOLINA, Ana Heloisa; LUZ, José Augusto Ramos da (Org.). *Museus e lugares da memória*. São Paulo: Paco Editorial, 2018, p. 123 a 134.

SPINOLA, Noenio. *Dinheiro, deuses e poder*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

SUANO, Marlene. *O que é Museu. Coleção Primeiros Passos*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

TEIXEIRA, Sidélia S. (org.). *Patrimônio e Museus na Contemporaneidade*. Salvador: EDUFBA, 2016.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ANEXO A

Vitrines de Medalhas do Museu Eugênio Teixeira Leal

Vitrine “A Arte da Medalhística”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “O Artista Gravador”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Formas e Materiais Diversos”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Curiosidades”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Descobridores”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Entradas e Bandeiras”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Os Profetas – Aleijadinho”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Orixás I” (nichos)



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Orixás II” (nichos)

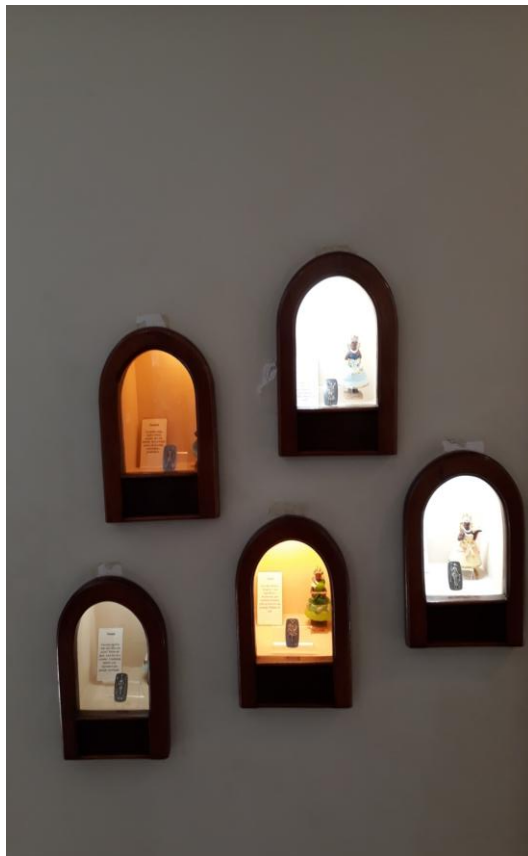


Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Religião Católica”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “História”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Maçonaria”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Estrangeiras”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “D. Pedro II e Administração Pública”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Personalidades”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Ecologia”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Esportes”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Caiena”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Campanha Cisplatina”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Independência da Bahia – Maria Quitéria”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Campanhas Militares”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Guerra do Paraguai”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “I Guerra Mundial”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “II Guerra Mundial”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

Vitrine “Tempos de Paz”



Foto: João Goulart de Souza Gomes (2018)

ANEXO II - Planta baixa da área de exposição de medalhas no museu

